



**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -
FATECS
CURSO: Comunicação Social
HABILITAÇÃO: Jornalismo**

**NOTÍCIAS DE UM AUTORRETRATO:
O JORNALISTA HUMANIZADO NO *PROFISSÃO REPÓRTER***

**MARCELLA CARVALHO PIMENTA XAVIER
RA Nº 20709805**

**PROF. ORIENTADOR:
LUIZ CLÁUDIO FERREIRA**

Brasília/DF, novembro de 2010

MARCELLA CARVALHO PIMENTA XAVIER

**NOTÍCIAS DE UM AUTORRETRATO:
O JORNALISTA HUMANIZADO NO *PROFISSÃO REPÓRTER***

Monografia apresentada como um dos
requisitos para conclusão do curso de
Comunicação Social do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília.
Prof. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília/DF, novembro de 2010

MARCELLA CARVALHO PIMENTA XAVIER

**NOTÍCIAS DE UM AUTORRETRATO:
O JORNALISTA HUMANIZADO NO *PROFISSÃO REPÓRTER***

Monografia apresentada como um dos
requisitos para conclusão do curso de
Comunicação Social do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília.
Prof. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Banca examinadora:

**Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador**

**Prof. Sérgio Euclides Braga Leal de Souza
Examinador**

**Prof. (a) Carolina Assunção e Alves
Examinadora**

Brasília/DF, novembro de 2010

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus.

A toda a minha família, e principalmente aos meus pais, Janilda e Haroldo, e ao meu irmão, Anderson, que transformam uma família cheia de defeitos na mais perfeita do mundo.

Agradeço também aos amigos e companheiros dessa incrível jornada de quatro anos e a todos os professores que contribuíram para a minha formação profissional. Em especial a Paulo Paniago, que sempre analisa cada detalhe do texto e acabou me deixando assim; a Sérgio Euclides, pelas valiosas discussões sobre a ética jornalística e por sempre nos mostrar um ponto de vista diferente; e ao meu querido orientador Luiz Cláudio, pela paciência e exemplo de paixão pelo jornalismo.

*Por mais que na batalha se vença um ou mais inimigos,
a vitória sobre si mesmo é a maior de todas as vitórias. (Mahatma Gandhi)*

RESUMO

Este trabalho procura analisar o espaço destinado ao sentimento do jornalista e o destaque dado a ele durante o programa *Profissão Repórter*, exibido às terças-feiras na Rede Globo de Televisão. Do ponto de vista da objetividade, o repórter não deve deixar que juízos pessoais de valor e emoções interfiram, e manter distanciamento do objeto em questão, sob o argumento de comprometer a isenção da reportagem. A partir desta ideia, considerou-se a possibilidade de tal característica desviar o foco da notícia, transformando o jornalista em um dos protagonistas da reportagem. O pensamento de que a ética profissional se constitui em assumir preconceitos e preferências, ao invés de negá-los, também foi desenvolvida.

Palavras-chave: Objetividade jornalística, Televisão, *Profissão Repórter*

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. OBJETIVIDADE – Uma tentativa de adquirir credibilidade	10
2.1. Métodos objetivos, escolhas subjetivas	11
2.2. O jornalismo menos partidário	13
2.3. Uma questão com mais de dois lados	14
2.4. Em nome de um ideal, um pecado ético	15
3. IMPARCIALIDADE – Um espelho com dois reflexos	18
3.1. Sentimento que emociona e aliena	19
3.2. Escolher, excluir e publicar informação	20
3.3. Quem são os guardiões	21
4. TELEVISÃO – O encanto de uma caixinha de luzes	23
4.1. Claro, preciso e isento	23
4.2. O pensamento escondido na imagem	24
4.3. A voz que acompanha a imagem	26
4.4. O rosto e a roupa da informação	27
5. O PROGRAMA – O jornalismo como pauta constante.....	28
5.1. Parte do “show da vida”	28
5.2. Reportar a própria imprensa	29
5.3. Duas câmeras, vários ângulos	30
5.4. Uma realidade midiaticizada.....	31
5.5. As escolhas de quem “faz” a notícia	32
6. Metodologia	34
6.1. Análise	35
7. Conclusão	50
8. Referências	52

1. Introdução

Ao sair para as pautas, o jornalista deve deixar os sentimentos em casa, ou na redação. O ideal jornalístico exige um profissional cujas preferências pessoais não interferem nas reportagens, para que elas retratem os fatos com o máximo de fidedignidade. Na verdade, o objetivo é fazer com que o repórter pareça ser isento, como se o que ele pensa sobre o assunto não afetasse a forma como o conteúdo é apresentado.

Do ponto de vista da objetividade, o envolvimento emocional do repórter é proibido, mas não é questionado. Não se considera, por exemplo, que um jornalista católico e outro ateu vão abordar as denúncias de pedofilia dentro da Igreja Católica de formas diferentes. Ou que o equilíbrio pode estar ameaçado na cobertura de um jogo entre Flamengo e Fluminense se o jornalista torce para um dos times. Em busca da isenção, ele precisa lutar contra si mesmo.

O objeto – O programa da Rede Globo *Profissão Repórter*, exibido atualmente nas noites de terças-feiras, questiona esse princípio arraigado na cultura jornalística. Os jovens repórteres se envolvem com os personagens, as histórias, e mostram o que sentem durante a apuração. O programa é o objeto de análise desta pesquisa sob a ótica de identificar as inferências que faz aos sentimentos dos profissionais da notícia.

O formato da atração é composto pela mistura entre a reportagem em si e como ela foi produzida. A equipe de profissionais costuma mostrar não só a escolha de personagens e a ideia por trás de cada história, mas também os bastidores do processo de edição. Em vários momentos, o telespectador tem a oportunidade de conhecer as impressões do repórter sobre o fato.

É importante ressaltar que as cenas consideradas de bastidores acontecem de várias maneiras. Os repórteres geralmente exibem trechos de conversas mais particulares com os entrevistados, diálogos que tratam do conteúdo que se pretende obter e sobre a melhor abordagem.

Essas cenas podem proporcionar ao público um olhar mais amplo da notícia porque o envolve no processo de produção. Assim, aborda questões que vão além da reportagem.

O telespectador tem acesso a sentimentos e preconceitos de quem “produz” a notícia. Pode-se enxergar a reação e o pensamento de quem está próximo ao fato. Essa característica envolve o telespectador, à medida que cria uma conexão com o público e os personagens, e trata o fato com mais naturalidade. Os trechos de bastidor mostram medos, inseguranças e falhas dos repórteres, o que evidencia a participação deles na reportagem.

Outro aspecto do programa que se contrapõe ao jornalismo tradicional é a informalidade. Sem abandonar totalmente o tratamento sério dado às informações, a equipe de reportagem procura uma comunicação mais direta e pessoal com o público. Além disso, não é raro ouvir o repórter narrar partes da reportagem na primeira pessoa.

O *Profissão Repórter* utiliza a exibição dos bastidores tanto como forma de ser mais transparente para com o público quanto para emocionar os telespectadores. No processo de produção são apresentadas as escolhas dos jornalistas, o que permite uma maior contextualização dos fatos, pois explica comportamentos dos personagens e a abordagem dos repórteres. Além disso, o recurso estabelece uma relação de maior intimidade com o telespectador.

O reconhecimento das próprias falhas, medos e dificuldades é um sinal de vulnerabilidade e honestidade. É a demonstração de que o jornalista, construtor da reportagem, é passível de erros e preconceitos. No entanto, é preciso avaliar até que ponto isso é relevante e merece destaque.

É importante ressaltar que o jornalista funciona como uma ponte entre o público e as pessoas envolvidas no fato. É através do olhar dele que o público vai enxergar a notícia. Cada reportagem é, também, um retrato do próprio repórter.

A escolha do tema e do objeto foi motivada por uma questão pessoal presente desde os primeiros anos de faculdade: o profissional pode aparecer sem prejudicar a transmissão de conteúdo? O programa apresenta uma nova forma de se fazer jornalismo, mais aberta e sem disfarces, porque o jornalista não usa a objetividade como defesa para as escolhas que faz.

2. OBJETIVIDADE – Uma tentativa de adquirir credibilidade

Apesar de ter excluído o caráter opinativo do jornalismo – baseando-o fundamentalmente em informação – a objetividade é, na primeira década do século 21, ainda um termo com diversas definições. Há autores que identificam o conceito como “a ideia de ausência de subjetividade”.

Entretanto, teóricos assumem a impossibilidade de atingir a objetividade absoluta. Nesse caso, o princípio surge para garantir o mínimo de subjetividade, ao estabelecer parâmetros às rotinas de trabalho e auxiliar os jornalistas na tarefa de fazer com que as notícias se aproximem da realidade o quanto possível.

Essa noção de objetividade contraria a “teoria do espelho” (TRAQUINA, 2005), na qual as notícias seriam reflexos da realidade, sem interferências de quem as transmite. A hipótese mais antiga da profissão consiste no pensamento de que o jornalista não defende interesses específicos, sendo apenas um comunicador dos fatos como eles realmente aconteceram. Mas nem sempre a verdade seria algo concreto, pois em várias situações mostra-se passível de discussão, o que não quer dizer que ela não exista, apenas que não pode ser alcançada.

Para os jornalistas norte-americanos, o significado de objetividade encontrado por David Mindich passa por cinco termos (tradução da autora): *detachment* (separação), para ter certeza de que os fatos estão falando e não as noções preconcebidas do repórter; *nonpartisanship* (imparcialidade), que consiste em mostrar pelo menos duas versões de uma história; o modelo da pirâmide invertida; *naive empiricism* (empirismo ingênuo), caracterizado pela confiança nos fatos para reportar precisamente a veracidade do evento; e *balance* (equilíbrio), o impossível e importante objetivo para uma reportagem sem distorções. (1998, p. 8). No Brasil, o termo passou a ser aplicado quando a pirâmide invertida foi introduzida, em 1950.

O repórter frequentemente tem, segundo autores consultados, de construir a notícia com base em depoimentos oficiais ou de pessoas que testemunharam o acontecimento, visto que raramente tem a oportunidade de presenciá-los. Portanto, a veracidade das informações depende de terceiros e não pode ser garantida pelo jornalista. O profissional está limitado a dizer o que

disse “A” e o que disse “B”. E ainda que acompanhe o fato, ele será elaborado a partir do ponto de vista de quem o produz.

A falha não está em se guiar por determinada perspectiva, mas em omiti-la ou negar que ela exista. O jornalista exige transparência das fontes, mas peca quando a característica diz respeito a ele mesmo. O conceito de objetividade contrapõe-se à teoria do espelho e valida o trabalho do jornalista, eliminando deste a necessidade de explicar as próprias decisões.

Segundo Schudson, o ideal da objetividade no jornalismo foi fundado numa confiança de que a perda da fé nos fatos era irreversível. Os jornalistas chegaram a acreditar na objetividade porque queriam, porque precisavam, porque eram obrigados pela simples aspiração humana de procurar uma fuga das suas próprias convicções profundas de dúvida e incerteza. (TRAQUINA, 2005, p.138)

A maneira de iniciar, desenvolver e concluir uma reportagem, as condições em que ela é produzida e as pessoas entrevistadas são questões que dizem respeito à percepção do repórter diante do fato. Duas pessoas que tratam do mesmo assunto nunca escreverão reportagens iguais, defendem os autores. Ainda que falem com as mesmas pessoas e assistam ao mesmo acontecimento. A percepção depende do ângulo do qual que se vê, mas também de quem está no ângulo.

Para que o termo deixasse de existir apenas no imaginário dos jornalistas, foram estabelecidas técnicas universais para a produção das notícias. Os procedimentos seriam aplicados na tentativa de dar ao conteúdo certo rigor científico. A responsabilidade pelo valor jornalístico seria do método, e não do profissional, já que este seria sempre subjetivo.

A objetividade, então, surge porque há uma percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiossincrasias. E como estas nunca deixarão de existir, vamos tratar de amenizar sua influência no relato dos acontecimentos. Vamos criar uma metodologia de trabalho. (PENA, 2005, p. 50)

2. 1. Métodos objetivos, escolhas subjetivas

A formulação da pirâmide invertida foi um dos avanços na concepção de objetividade. O desenvolvimento da reportagem a partir da informação mais

importante para a de menor relevância ajudou a padronizar os conteúdos. A instituição do primeiro parágrafo com a resposta às seis questões básicas – quem, o quê, como, onde, por que e quando – no entanto, não é uma regra. Embora seja o meio mais direto de transmitir informação, é o menos criativo e, conseqüentemente, menos atrativo.

Ainda que objetivo, esse procedimento envolve decisões subjetivas. A escolha das informações mais relevantes nada mais é que a escolha dos dados que o jornalista considera importantes. Elas são, portanto, um reflexo das preferências do profissional. A concepção de um produto jornalístico, desde a seleção das reportagens até a abordagem, não tem fundamentos realmente objetivos devido a uma série de fatores, como a complexidade dos assuntos, a linha editorial do veículo e o impacto que se quer causar.

O julgamento do que é relevante ou não é feito com base no que o jornalista quer que o público veja, no que ele acredita que as pessoas precisam saber. Ou seja, baseia-se em um pensamento que tem pouco caráter científico. No artigo *A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas* (1999), a socióloga Gaye Tuchman aponta que a saída é recorrer ao profissionalismo e justificar as escolhas com base na habilidade adquirida e experiência.

O uso das citações é outra técnica que procura minimizar os efeitos da subjetividade. Expor a opinião de pessoas relacionadas ao tema, principalmente de fontes oficiais, é uma forma de sustentar uma ideia, ou ao menos de se proteger por creditá-la a outra pessoa. No entanto, pouco se considera as circunstâncias em que as citações acontecem, bem como o espaço dado a elas.

Opiniões conflitantes sobre um assunto frequentemente aparecem na forma de aspas, para dar a ideia de que cada pessoa tem oportunidades iguais na defesa de um ponto de vista. É comum o fato de o entrevistado conversar com o repórter durante trinta minutos e aparecer apenas em duas linhas da reportagem, que pode ser a declaração mais impactante ou a mais enfatizada. A participação do personagem está condicionada às escolhas do jornalista. Pode-se avaliar que, nesse contexto, a objetividade é questionável. Documentos também são formas de validar opiniões ou fatos, conferindo às informações o caráter científico proposto pela objetividade.

2. 2. O jornalismo menos partidário

O conceito de objetividade jornalística começou a ser desenvolvido em meados do século 19, mesmo que sem essa denominação. Por volta de 1850, o jornalismo opinativo e parcial passou a ser substituído pela informação, que deveria estar isenta de juízos de valor.

Até a primeira metade do século XIX não havia preocupação, por parte do editor ou do leitor, com equilíbrio e imparcialidade. Como a imprensa era sobretudo político-partidária, comprava-se (assinava-se) jornal para saborear a versão parcial dos acontecimentos e para se ler as críticas aos adversários, quase sempre pessoais, procedentes ou não, e invariavelmente em termos fortes, quando não afrontosos. (AMARAL, 1996, p. 26)

Ao citar Michael Schudson, Nelson Traquina considera que o conceito começou a ser desenvolvido nos Estados Unidos, entre os anos 1920 e 1930, porque não existia mais a crença de que os “fatos falam por si”. A desconfiança foi provocada, de acordo com Schudson, pela propaganda na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e pelo surgimento de uma nova atividade profissional: a de relações públicas. A publicidade persuasiva que convenceu os norte-americanos de que o país deveria participar da guerra e o questionamento dos interesses defendidos nas reportagens e da própria notícia provocaram um movimento de transformação do jornalismo como era conhecido.

Luiz Amaral (1996) acrescenta a estes outros dois acontecimentos: a criação das agências de notícias e o desenvolvimento industrial. A partir do advento da primeira agência de notícias, em 1835, abriu-se um novo mercado na área. A clientela diversificada, composta por governos, jornais, empresários, diplomatas, banqueiros, entre outros profissionais, fez com que as agências buscassem certa dose de imparcialidade, conferindo equilíbrio às notícias. A experiência bem sucedida de jornais de preço acessível para o consumo em massa, como o *New York Sun*, impulsionou a nova política de desvalorização do tom apaixonado.

O autor destaca ainda que a noção de objetividade também esteve relacionada ao caráter comercial do jornalismo, adquirido nos primeiros 30 anos do século 19 na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos. O jornalista

deveria narrar os fatos sem comentários ou interpretações e esquecer as próprias ideologias e preferências. Esta ideia está centrada na concepção de que é possível separar o homem como pessoa e como profissional. Como se um deixasse de existir quando o outro estivesse atuando.

2. 3. Uma questão com mais de dois lados

Além da associação com a ausência da subjetividade, o conceito de objetividade é constantemente relacionado com o da imparcialidade, como demonstrou Liriam Sponholz a partir de entrevistas com 40 jornalistas brasileiros. “Em 16% das declarações sobre o tema, os entrevistados falam sobre não tomar partido, não expor a própria opinião, não dizer o que pensam” (2008, p. 4). A relação das notícias com a realidade foi um dos itens menos citados.

Só 3% das afirmações recorrem a idéias como aproximar-se o máximo possível da verdade ou da realidade. Isso significa que os repórteres ouvidos neste estudo raramente entendem objetividade como uma questão epistemológica. Ou seja, objetividade não é retratada diretamente como um problema da correlação entre a realidade midiática e a social, entre o que foi noticiado e o que aconteceu. (2008, p. 4)

Uma das hipóteses para esta situação é a de que, como já foi citado, a objetividade surgiu para eliminar o caráter tendencioso e partidário do jornalismo antes do século 19.

Robert Hackett, no artigo Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos (1999), aponta dois momentos da imparcialidade: o desequilíbrio entre os pontos de vista e a distorção do que foi declarado ou do que aconteceu.

O autor ressalta quatro pressupostos aceitos nos estudos sobre a parcialidade. O primeiro deles está de acordo com o ideal de objetividade, pois defende que a imprensa pode e deve retratar a realidade precisamente como ela é, de forma equilibrada. A ideia seguinte considera os preconceitos políticos e as atitudes sociais dos comunicadores as principais causas do jornalismo tendencioso. A terceira hipótese defende que métodos de leitura e descodificação podem apontar traços de parcialidade, e a última, que a

tendência política ou ideológica da imprensa é a maneira mais importante de favorecer um grupo em detrimento de outro.

No entanto, a parcialidade nem sempre pode ser facilmente detectada. É possível analisar o conteúdo apresentado, mas não as informações de bastidores, coletadas e ocultadas pelo jornalista. O profissional é responsável pelos traços de parcialidade que deixa transparecer; ele decide até que ponto deixa a marca das próprias preferências na reportagem.

É perfeitamente possível que não haja a intenção deliberada de incentivar um posicionamento a favor ou contra um assunto, mas não se pode negar que é o jornalista quem determina o viés da matéria, a forma como ela será abordada, o que influencia a maneira como ela será vista. Também é importante considerar que nem sempre a mensagem será entendida como tal por quem a recebe. No entanto, a circunstância não exclui o intuito de quem a envia.

A dificuldade em conceituar cada termo e diferenciar de outros tem origem em uma questão intrínseca ao jornalismo e ao ser humano: a linguagem. O processo de comunicação ocorre por meios complexos e não totalmente esclarecidos. O indivíduo pode controlar o que fala, mas não o entendimento que outras pessoas terão. A compreensão dos fatos depende de formação intelectual, percepção de mundo e questões pessoais.

Nas palavras de David Morley, a linguagem neutra, isenta de juízos de valor, na qual os factos puros do mundo pudessem ser registrados sem qualquer preconceito, é impossível, porque as avaliações já estão implícitas nos conceitos, na linguagem em função da qual se fazem as observações e os registros. (HACKETT, 1999, p. 107)

2. 4. Em nome de um ideal, um pecado ético

Alegar que os preconceitos e preferências, pessoais ou profissionais, não existem ou desaparecem no exercício da profissão é uma falha ética. Para Eugênio Bucci, isso implica “falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade” (2000, p. 97). A imparcialidade seria, então, um mecanismo de defesa de defeitos, o que em nada contribui para um posicionamento honesto para com o público.

Bucci diz ainda que existem três formas básicas nesse falseamento. A primeira delas é a ocultação involuntária. O jornalista age como se não tivesse as próprias predileções, ou que estas não afetassem o desempenho ou o produto veiculado. A consequência são reportagens supostamente neutras, que escondem o ponto de vista do repórter, fazendo parecer que ele não participa, de modo algum, no conteúdo.

A segunda variante, denominada por Bucci de ocultação deliberada, consiste em disfarçar as convicções pessoais de informações objetivas, aproveitando-se da crença de que o jornalismo pode ser imparcial. O estudioso aponta que esse mecanismo é usado, geralmente, por editores e repórteres de “maior patente”.

A última maneira de falsear o conteúdo é a servidão voluntária. O profissional abdica do compromisso com a informação apenas para agradar os patrões. “Acontece mais entre aqueles que ‘vestem a camisa’ não da empresa, mas do chefe. De preferência, já suada”. (2000, p. 98) Esse tipo de conduta elimina o senso crítico do jornalista por questões de posição na empresa, prestígio ou dinheiro.

Para combater essas três maneiras pelas quais parcialidade é mascarada, Bucci sugere outras três medidas, todas envolvendo a transparência. O primeiro nível é o do autoconhecimento, chamado por Bucci de positividade consigo mesmo. O jornalista precisa ter consciência dos próprios valores, medos, das convicções e falhas.

O grau seguinte de transparência exige clareza na relação do repórter com os demais colegas e superiores. A falta de diálogo provoca um comportamento que se baseia em cada um fazer o que acha que deve fazer por conta própria, sem ouvir a opinião de outros profissionais. Isso não significa que o jornalista que executa a pauta perde conteúdo, mas é muito provável que deixe de ganhar. “Ninguém fala do assunto: os novatos se adestram pela tentativa e erro, pelo mimetismo, pela adaptação intuitiva; os mais velhos ensinam pelo exemplo nem tanto de conduta mas de reserva sobre os temas delicados” (2000, p. 99).

O último nível compreende a relação entre público e veículo de comunicação. Bucci defende que a empresa precisa se dispor a revelar conflitos de interesses, e que tal atitude contribui para que o leitor, ouvinte ou

telespectador tenha uma visão crítica do assunto, e também possa avaliar a qualidade da informação que recebe. Uma das medidas que ajudam nesse sentido é a figura do *ombudsman*, que debate os problemas editoriais e éticos do conteúdo jornalístico, publicamente.

3. IMPARCIALIDADE – Um espelho com dois reflexos

Quando associada à imparcialidade, a objetividade jornalística envolve um certo distanciamento dos fatos e das pessoas relacionadas a eles. A forma como o repórter se relaciona pessoalmente com o assunto ou com os personagens envolvidos pode comprometer a abordagem da matéria, porque neste caso não existe o olhar neutro, isento.

O desempenho de um jornalista católico que faz uma reportagem sobre as denúncias de pedofilia praticadas por padres provavelmente não será o mesmo de outro que siga uma religião diferente. Mas isso não significa que o primeiro defenderá os sacerdotes ou que um repórter ateu os perseguirá. Essas questões pessoais podem resultar em um esforço maior de apuração por parte do católico, ou em um cuidado maior com o uso das palavras.

Por mais que o repórter busque a precisão, opiniões e a própria vivência têm um impacto na maneira como os fatos serão transmitidos. Considerando ainda o caso de denúncias de abuso sexual por padres, um jornalista de televisão que não acredita nas acusações pode dar um tom que provoque a dúvida dos espectadores. Ou transmitir poucas informações sobre determinada fonte. O julgamento pessoal afeta o comportamento profissional, e vice-versa.

[...] a objetividade depende de quem for o jornalista e de qual for a história a ser investigada e contada. A melhor objetividade no jornalismo é então uma justa, transparente e equilibrada apresentação da intersubjetividade. Quando o jornalismo busca a objetividade, está buscando estabelecer um campo intersubjetivo crítico entre os agentes que aí atuam: os sujeitos que produzem o fato, os que o observam e o reportam, e os que tomam conhecimento do fato por meio do relato. Daí a necessidade de prestar atenção nas convicções pessoais dos jornalistas. (BUCCI, 2000, p. 93-94)

O conteúdo noticiado é selecionado a partir do que o jornalista ou editor considera importante. A avaliação pode ser baseada na experiência profissional, como também é passível de influência de convicções particulares. O questionamento não se refere a essas escolhas, mas ao conhecimento delas pelo público. Se este desconhece as circunstâncias que auxiliaram na construção da reportagem, não tem um entendimento mais amplo da dimensão dos fatos. As dificuldades na coleta dos dados fazem parte de um certo quadro

que o jornalista tenta transmitir. O clima nos bastidores, a emoção ou exaltação dos personagens, a disponibilidade em dar entrevistas, são aspectos geralmente desprezados, mas que aproximam o assunto do público, porque imprimem realidade aos fatos, uma realidade quase palpável, ao alcance do espectador.

3. 1. Sentimento que emociona e aliena

Muito se discute sobre o distanciamento, mas raramente os efeitos da prática oposta são avaliados. Apesar da defesa do não-envolvimento do jornalista com o assunto em prol de uma pretensa objetividade, o efeito pode ser o mesmo para o público. Em busca da neutralidade, o repórter corre o risco de produzir um conteúdo sem emoção, que não empolga nem desperta a atenção do público. O objetivo do jornalismo não se limita a contar o que acontece ao redor do mundo. Ele tem de promover o debate, fazer com que o cidadão se interesse pelos assuntos.

A emoção não é inimiga da boa reportagem nem da apuração. Pelo contrário, é ela que deve incentivar o jornalista a transmitir o conteúdo com o máximo de realidade. “Pensa-se e declara-se que as emoções atrapalham a precisão. É um erro. O bom jornalismo nada tem a ver com a indiferença, com a neutralização do sujeito.” (BUCCI, 2000, p. 94)

A insensibilidade pode ser um problema, pois minimiza a importância dos acontecimentos, transformando atos hediondos em atitudes banais. Nesse caso, o jornalista termina por afastar as pessoas dos fatos, por transmitir acontecimentos que não fazem parte do mundo delas, e que, portanto, parecem não lhes dizer respeito.

Há mesmo situações em que a tentativa de isentar-se inteiramente de toda emoção produz um alheamento no repórter que, aí sim, torna imprestável o seu relato. Sem a indignação, o espanto, a surpresa não há reportagem. O que não significa que o estilo deva ser meloso ou, noutro extremo, vociferante. Ele não deve ser uma esponja embebida em adjetivos: a precisão jornalística requer realçar a emoção que move os acontecimentos. A objetividade possível não é portanto a correspondência fria de uma descrição a objetos inanimados por seres humanos no discurso ininterrupto do jornalismo. Banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo. E é banir o público. (BUCCI, 2000, p. 95)

O erro em rejeitar a parcialidade é que se considera apenas quem está envolvido nos fatos. O jornalista não tem que defender o governo, as ONG's ou qualquer órgão. A obrigação dele é estar do lado do público, esclarecer escolhas, alertar, despertar interesse. O compromisso ético é para com o cidadão, pois é a ele que o repórter serve.

3. 2. Escolher, excluir e publicar informação

Desde a concepção do produto jornalístico até a seleção da abordagem de cada matéria, o jornalismo é consequência de uma série de escolhas. Selecionar personagens e especialistas, determinar o espaço dado a eles na reportagem, são decisões que cabem ao *gatekeeper*, que pode ser o repórter ou o editor. Esse profissional é assim chamado porque filtra as informações e define a relevância de cada uma delas. O termo foi introduzido em 1947 pelo psicólogo social Kurt Lewin em um artigo sobre a aquisição de alimentos em casa, e adaptado para o jornalismo por David Manning White em 1950.

O conceito deu origem à teoria do *gatekeeper*, também chamada de teoria da ação pessoal. Segundo a hipótese, o fluxo de informações passa por portões, ou “*gates*”, através do qual acontece o processo de produção das notícias. Na época, White concluiu que a escolha das reportagens incluídas no jornal era subjetiva e arbitrária, pois se baseava em valores relacionados à experiência do profissional. Seis anos depois, Walter Gieber realizou outro estudo, com resultados diferentes dos de White. Ele afirma que a estrutura burocrática da empresa era a maior responsável pelas escolhas do jornalista, e não questões individuais.

Em 1964, Gieber escreveu que a compreensão das notícias depende do entendimento das “forças sociais” que afetam a produção. A falta de exposição dessas forças é que transforma o jornalismo “objetivo e imparcial” em um produto que não se aproxima de quem recebe o conteúdo. A imparcialidade autodeclarada não é suficiente. A credibilidade não pode se limitar às palavras bem compostas e aos trajes sofisticados. Ambos os valores jornalísticos (objetividade e imparcialidade) têm de ultrapassar as barreiras da aparência.

Como ponte entre os fatos e o público, o jornalista tem de pensar também no compromisso com o último. Dirigir-se a ele de forma mais realista e mais honesta poderia ser um passo nessa direção. Os sentimentos existem e é preciso assumi-los, ao invés de negá-los. Entender o mundo, função a que o jornalismo também se propõe, envolve mostrar condições do acontecimento, sensações, perspectivas.

Negar a subjetividade do jornalismo seria ignorar um fato. Entretanto, acreditar nela não pressupõe a ausência da verdade nem impede que o jornalista a procure. O compromisso com a verdade e a objetividade é, de fato, o compromisso com a busca por ambas.

Michael Kunczik aponta para uma construção de imagens como consequência da escolha de determinadas notícias e informações.

A seleção de notícias equivale a restringir o volume de informações, o que significa a seleção de assuntos que alguém acha que merecem ser publicadas. Os “porteiros” decidem quais acontecimentos serão divulgados e quais não serão, contribuindo assim para moldar a imagem que o receptor tem de sua sociedade e de seu mundo. (2001, p. 237)

3.3. Quem são os guardiões

A seleção das notícias é um processo que vai desde a escolha das pautas até o material publicado. Responsável por elaborar a lista de assuntos que serão desenvolvidos pelo veículo por um determinado período, o pauteiro é um dos principais agentes que atuam na priorização dos temas tratados. Esse profissional também tem participação importante na abordagem de cada matéria, pois ele pode antecipar informações que deverão ser confirmadas, além de sugerir questões que considera relevantes na construção da reportagem.

No papel de mediador entre os fatos e o público, o próprio repórter que apura a pauta detém o poder de determinar que viés a notícia assumirá e que tópicos farão parte dela. Quando ele vai a campo, tem a oportunidade de conversar com várias pessoas, sentir o “clima” do ambiente e perceber qual a melhor maneira de transmitir as informações.

Ao assumir a função de coletar os dados, o jornalista carrega a responsabilidade de excluir tópicos ou personagens consultados. Ele define a quantidade de conteúdo que o público receberá, o que também depende do espaço previamente estabelecido pela empresa, considerando a relevância do tema diante de outros.

Um dos profissionais que determinam o espaço da matéria é o editor. A partir das informações checadas pelo repórter, o editor avalia que dimensão deve ser dada ao tema, e a avaliação permeia os outros assuntos do dia, a importância que outro veículo pode dar à mesma pauta ou a uma série de fatores, geralmente ligados à rotina produtiva.

A justificativa de dar foco à notícia e não ao jornalista pode ser uma questão de compromisso com a informação, mas também uma forma de esconder falhas. Ao exigir honestidade das empresas e das autoridades, o profissional deve pensar que esta é sua própria missão. A exibição do *modus operandi* jornalístico não elimina a precisão do relato. Ao contrário, pois dá a ele autenticidade.

Expor os métodos de produção é uma medida que pode se aproximar da parcialidade, porque não esconde que ela existe. O jornalismo é uma ponte, com rachaduras, cordas de cores diferentes e tábuas danificadas, mas o público precisa conhecer essas falhas, para que possa julgar o conteúdo como ele é, imperfeito. O problema da seleção de notícias não é a presença, mas a ocultação.

A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios, profissionais ou não. (MEDITSCH, 1997)

4. TELEVISÃO – O encanto de uma caixinha de luzes

Imagem e som são os recursos que fazem da televisão o veículo de imprensa mais próximo e mais atrativo para o público. A possibilidade de ver os acontecimentos enquanto são narrados ou comentados desperta a atenção do telespectador, porque permite que ele utilize dois sentidos e tenha uma compreensão dos fatos.

Essas características também exigem linguagem, tempo e ritmo diferentes dos demais meios de comunicação. As regras de um texto escrito para a mídia impressa ou para um programa de rádio não são as mesmas para a televisão. A linguagem depende das peculiaridades de cada tipo de mídia.

4.1. Claro, preciso e isento

A clareza é um dos princípios essenciais a serem seguidos no texto da televisão. A instantaneidade, característica inerente desse veículo e do rádio, exige um texto coloquial e mais fácil de ser assimilado, porque o telespectador e o ouvinte têm apenas uma oportunidade de ouvir a notícia. Eles não podem recuperar uma frase ou expressão não compreendida. Por isso, é essencial que o repórter se expresse da maneira mais clara possível, e use palavras conhecidas.

O telespectador só ouve o texto uma vez, por isso deve ser capaz de captá-lo, processá-lo e retê-lo instantaneamente. Não há uma segunda chance. Se o telespectador se desligar, não há desculpas: o erro foi nosso. Quanto mais as palavras (ou o texto como um todo) forem “familiares” ao telespectador, maior será o grau de comunicação. As palavras e as estruturas das frases devem estar o mais próximo possível de uma conversa. (PATERNOSTRO, 1999, p. 79)

Para garantir a compreensão do texto, é recomendada a construção de frases na ordem direta: sujeito + verbo + predicado. É importante frisar que a informalidade das expressões não implica, necessariamente, um texto pobre de vocabulário ou que fuja às regras linguísticas.

A boa apuração está refletida na exatidão das informações veiculadas, outra regra fundamental no jornalismo televisivo. Uma notícia precisa deve ser

fiel a números, localização de acontecimentos, datas. Em caso de erro na primeira notícia sobre o assunto, é grande a probabilidade de que as repercussões também contenham dados incorretos. Ou, ainda que a empresa de comunicação seguinte não cometa o mesmo erro, isso causa confusão para o público, que não sabe em qual das informações confiar. Em ambas as situações, o telespectador é prejudicado, o que reforça a importância da checagem.

Mas a exatidão dos fatos ultrapassa os valores absolutos. Ela deve compreender também um quadro amplo de opiniões divergentes. “Precisão é mais do que ter os fatos corretos. A reportagem será, no conjunto, o espelho da verdade. Se há conflitos de opinião ou até na descrição de um acontecimento, os vários pontos de vista têm que aparecer.” (CURADO, 2002, p. 21)

A imparcialidade também é apontada como norma vital na imprensa televisiva. Deve ser dado o mesmo espaço aos pontos de vista a favor, contra e a qualquer outro posicionamento sobre o tema, para proporcionar equilíbrio à reportagem.

A isenção não pode se valer apenas do confronto de ideias. O jornalista deve buscar dados e apurar os acontecimentos para não se basear apenas no que as fontes dizem.

Uma confusão quando se acredita praticar a imparcialidade é quando se busca a declaração de fonte que foi denunciada ou foi criticada em uma reportagem. O exercício declaratório é um ardil. O jornalista que se vale unicamente da manifestação verbal ou de uma entrevista está cometendo um pecado contra a verdade. A imparcialidade se obtém com a investigação dos fatos e não com opiniões a respeito deles. (CURADO, 2002, p. 22)

4.2. O pensamento escondido na imagem

Toda informação contém uma ideologia, um ponto de vista, uma abordagem. Não existe notícia neutra, porque ela está inserida numa determinada maneira de observar os fatos. Na televisão, essa ideologia vai do ângulo da câmera até a edição. Ainda que o repórter ou editor não faça as escolhas ciente das ideias que elas podem transmitir, cada cena, cada palavra, tem um papel e um significado carregado de ideologia.

A instantaneidade e o certo tom de informalidade da televisão podem gerar uma simplificação dos fatos, o que resulta em superficialidade. Um assunto muito complicado ou um termo com nome longo ou incomum geralmente são evitados para não confundir o telespectador. Assim, a televisão comporta parte da realidade, parte da notícia, aquela que pode ser facilmente explicada e entendida.

A simplificação impede a contextualização e reforça a superficialidade, a banalização e a espetacularização. Componentes que estão longe de promover uma democratização do veículo, mas que se incorporam à cultura profissional do jornalista de TV, cuja imagem que faz da audiência e a velocidade com que produz a notícia também são fundamentais para entender o significado das informações veiculadas na telinha. (PENA, 2006, p. 4)

Aplicada de maneira correta, a simplicidade aparece na organização dos conteúdos para que possam ser assimilados de maneira clara, e não na exclusão do que se considera difícil demais para as pessoas. A fusão coerente de imagens e palavras, aliada a um texto simples, sem ser simplista, ampliam o entendimento do telespectador sobre o assunto.

A escolha de imagens espetaculares que não agregam informação desvia a atenção do público, fazendo que a notícia se transforme em entretenimento e corrompendo o papel da imprensa. Quando a seleção das imagens é baseada unicamente no impacto que causam, a informação é secundária. Apesar do poder visual, a informação deve estar sempre em primeiro lugar.

O espaço dado à reflexão e ao aprofundamento da notícia no telejornal é pequeno devido ao imediatismo e à urgência. A informação precisa ser veiculada o quanto antes porque, quando se trata de televisão, o conteúdo também envelhece rapidamente. A ideia é abastecer o público com o maior volume de conteúdos relevantes. O aprofundamento é de responsabilidade de programas especiais ou de jornais e revistas.

Embora crescente informação, a imagem faz do jornalismo televisivo uma espécie de refém. Os fatos que recebem atenção são os que têm apelo imagético. Se não há imagens ou se as que existem são em baixa quantidade ou qualidade, provavelmente o assunto será pouco abordado.

Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta idéia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (RAMONET, 2004, p. 27)

O recurso visual também demonstra a importância que o veículo dá ao fato. Notícias veiculadas em poucos minutos ou até segundos foram classificadas pela redação como secundárias. Em televisão, é a imagem que confere legitimidade à notícia, e é ela que dá ao fato a dimensão que realmente tem ou que a imprensa lhe quer conferir.

4. 3. A voz que acompanha a imagem

O recurso visual ajuda na composição do fato, mas tem de ser usado da maneira adequada. O texto de televisão não deve narrar exatamente o que é mostrado, a não ser que as imagens não sejam claras o suficiente, e peçam uma explicação verbal, como, por exemplo, quando mostram um flagrante de assalto, assassinato ou algum detalhe que deve ser destacado. Em todo caso, é preciso que os conteúdos se complementem.

É importante a fusão dos dois códigos de comunicação – visual e auditivo. Em alguns textos, o redator não usa a informação visual, produzindo uma matéria absolutamente redundante, como aqueles comentaristas de futebol que falam o que está sendo mostrado, sem agregar nenhum detalhe que não pode ser captado pela câmera de televisão. (LUSTOSA, 1996, p. 100)

A narração exata do que ocorre em cena resulta em redundância porque a imagem também contém informação. O telespectador não precisa que o jornalista lhe explique cada movimento ao qual ele assiste. “O repórter não deve esquecer que a notícia está contida tanto no seu testemunho dos fatos, nas sonoridades, como nas imagens gravadas. Em suma, imagem também passa informação.” (BARBEIRO e DE LIMA, 2002, p. 70). Os autores apontam ainda que o poder da imagem sobressai ao das palavras, caso haja conflito entre as duas.

A imagem também pode ser usada para contradizer o discurso da fonte. É uma maneira sutil de demonstrar ao público que o entrevistado mente ou que a declaração não corresponde ao estilo de vida que ele leva. Ao invés

de explicitar, no texto, que a fonte disse outra coisa no passado ou que opina sobre assuntos sem conhecimento de causa, o jornalista tem a opção de desmascará-lo delicadamente, e deixar que o telespectador julgue o comportamento.

4.4. O rosto e a roupa da informação

A beleza física não é essencial para o repórter de televisão. Ele precisa conquistar a credibilidade do público por meio do tom de seriedade com que transmite as informações, e se tiver empatia – aceitação conferida a ele pelo público, por acreditar que aquele profissional entende o que ele quer saber e se preocupa em esclarecer os fatos.

A notícia na televisão também exige boa entonação e dicção, linguagem corporal e cuidados com a vestimenta e a aparência em geral. Os elementos visuais não são mais importantes que um texto bem escrito ou uma apuração bem feita, mas se não existem, podem gerar ruídos na comunicação.

Tanto o âncora quanto o repórter têm de adequar as expressões faciais e o tom de voz ao acontecimento. Quando transmitem informações sobre um acidente de avião eles devem permanecer sérios; mas quando estão no sambódromo em dia de Carnaval, assumem uma postura mais convidativa. Também é importante que estabeleçam um contato visual com o telespectador.

Em alguns programas jornalísticos da TV Globo, os repórteres deixaram de usar gravatas para dar um tom de informalidade. As estratégias para deixar o jornal mais próximo do cotidiano do espectador não se limitam às roupas. No *Jornal Hoje*, por exemplo, telejornal exibido por volta das 13h30, os atuais âncoras, Sandra Annenberg e Evaristo Costa, tecem comentários sobre as matérias mais divertidas, geralmente envolvendo moda ou hábitos pessoais.

5. O PROGRAMA – O jornalismo como pauta constante

O programa *Profissão Repórter* vai ao ar todas as terças-feiras na Rede Globo. Com duração de aproximadamente vinte e cinco minutos, as transmissões acontecem por volta das 23h30. O canal pago Globo News reprisa as edições aos sábados e domingos.

O mote da atração – “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem” –, repetido por Caco Barcellos em todas as aberturas, aponta a proposta de exibir em que condições as notícias são reportadas.

5.1. Parte do “show da vida”

“O jornalismo à flor da pele. O repórter Caco Barcellos entra em campo com uma equipe de jovens jornalistas para mostrar com quantas informações, com quantas imagens, com quanta emoção se faz uma reportagem.” Foi com essas palavras que Pedro Bial apresentou o *Profissão Repórter* pela primeira vez. Idealizada pelo jornalista Caco Barcellos e dirigida por Marcel Souto Maior, a atração estreou como um quadro do *Fantástico*, da TV Globo, em 7 de maio de 2006.

Além de abordar vários ângulos de um assunto, a ideia do programa incluía a visão de jovens repórteres recém-formados e os desafios enfrentados no processo de produção das reportagens. A Caco Barcellos cabia o papel de mentor dos “focas” – termo utilizado nas redações para designar o jornalista iniciante – e também o de repórter.

O quadro pretendia despertar no público o interesse não só pelas histórias que seriam contadas, mas pela curiosidade de saber se os inexperientes jornalistas conseguiriam cumprir as pautas. A abertura de Caco Barcellos, que terminava com a pergunta “Será que eles vão conseguir?”, convidava os telespectadores a acompanharem a reportagem enquanto ela era feita, e não depois.

Na primeira edição, sobre a ação de pichadores em Brasília e em São Paulo, o programa já assumiu uma postura de transparência, ao mostrar os passos da notícia. Caco Barcellos falou, por exemplo, das dificuldades em encontrar um grupo de pichadores que se dispusesse a falar com os

jornalistas, contou que a sugestão de pauta partiu do cinegrafista Caue Angeli e que todos participavam de todas as etapas do programa. E ao final dos quase treze minutos de reportagem, foram mostrados ainda os erros dos repórteres durante as gravações.

No programa, os repórteres dividiram com o público inseguranças e questões pessoais relacionadas ao trabalho. Durante a matéria seguinte, exibida três semanas depois (28), Felipe Gutierrez revelou a falta de intimidade com o vídeo. “Essa foi a primeira vez que gravei como repórter diante das câmeras, e foi mais difícil do que imaginava”, diz o jornalista.

5.2. Reportar a própria imprensa

Há casos em que a equipe do programa ultrapassa os próprios bastidores e mostra o trabalho de outros jornalistas. Um exemplo é a edição do dia 11 de junho de 2006, que acompanhou a movimentação da imprensa para a cobertura do julgamento da jovem Suzane von Richthofen, na época acusada de assassinar os pais.

Enquanto isso, Caco Barcellos mostrou a estória da dona-de-casa que foi morta pelo filho quatro dias depois do crime dos Richthofen. O jornalista destacou que o fato foi publicado em treze linhas, sem foto, e em apenas um jornal. Ao questionar a vizinha da vítima, o jornalista sugere que a condição humilde da família seja a causa da pouca visibilidade do crime.

Na edição do dia 16 de julho de 2006, intitulada “Bastidores de uma matéria”, a atração avança na ideia de abrir para o telespectador o processo de construção da reportagem. A pauta é discutida com a presença de uma jornalista convidada, Danieli Haloten, que é cega. Durante a reunião, cada profissional tem a oportunidade de se manifestar sobre os caminhos que a reportagem deve seguir, é o momento da concepção da notícia, que raramente o público vê.

As imagens coletadas pela cinegrafista que acompanhou Danieli nas ruas eram selecionadas por dois repórteres do programa. Algumas das escolhas eram explicadas, geralmente com base no critério visual ou sonoro. As histórias relacionadas ao mercado de trabalho e ao desemprego narradas

por Danieli acabaram sendo associadas à deficiência dela, que também foi explorada pela edição.

5. 3. Duas câmeras, vários ângulos

Em dezembro de 2007, a atração conquistou um espaço maior na emissora. Por quatro vezes, além das edições semanais no programa dominical – que, em média, duravam dez minutos –, uma versão estendida era exibida em uma quinta-feira do mês, com mais de trinta minutos.

A partir de junho de 2008, o programa passou fazer parte da programação da TV Globo, com exibições às terças-feiras. A atração, que antes ocupava cerca de dez minutos do *Fantástico*, foi ampliada para vinte e cinco minutos.

O formato do *Profissão Repórter* é baseado na combinação entre a reportagem em si e como ela foi produzida. As cenas consideradas de bastidores acontecem de várias maneiras. Os repórteres exibem trechos de conversas mais particulares com os entrevistados, conversas que tratam do conteúdo que se pretende obter e perguntas sobre como certas questões devem ser abordadas. Esses fragmentos retratam uma relação menos formal entre o jornalista, a fonte e os acontecimentos.

Outros momentos referem-se apenas a reuniões entre os repórteres, que podem ser feitas durante as gravações ou na ilha de edição. Desde a primeira edição, o programa reserva um espaço para mostrar Caco Barcellos e o repórter que coletou as informações analisando o material.

Geralmente, cada estória é registrada ao mesmo tempo por duas câmeras. Um cinegrafista faz as imagens tradicionais, vistas nos telejornais. Na outra, o campo de visão é estendido de forma que se possa ver a primeira gravação sendo feita. As tarefas são revezadas: o responsável por entrevistar em uma reportagem seria o cinegrafista na próxima, o que não impede que o operador de câmera também faça perguntas.

As narrativas são apresentadas de forma fragmentada. Essa característica confere dinamismo ao programa, porque dá a sensação de que elas acontecem concomitantemente.

A edição divide as coberturas de cada jornalista em vários micro-blocos e os reúne em uma espécie de mosaico. Mas a intenção deste artifício vai além de uma simples bricolagem. Ao unir os fragmentos e colocá-los em seqüência, consegue-se provocar no espectador a idéia de que as apurações acontecem simultaneamente a cada momento, tem-se um *flash* do repórter em um instante de tensão na cobertura. (LUCINDA, 2008, p. 55)

A linguagem do *Profissão Repórter* difere muito do tradicional jornalismo televisivo. Em vários momentos, os repórteres narram partes da reportagem em primeira pessoa, e até falam do que sentem durante a apuração. É um discurso que privilegia o diálogo franco e informal com o público, ao invés da fala contida e da expressão séria que predominam nos telejornais. Também é comum o destaque de detalhes: olhares, mãos, manias e qualquer movimento que transpareça o sentimento ou a personalidade do entrevistado.

5.4. Uma realidade midiaticizada

A exibição dos bastidores proporciona ao público um olhar mais amplo da notícia porque o envolve no processo de produção. Essa característica faz com que o telespectador entenda as decisões do repórter, ou que pelo menos tenha consciência de que o conteúdo ao qual assiste é fruto das escolhas de determinada pessoa.

A partir dessa concepção, entende-se que a notícia não é apenas o fato em si, mas que todas as circunstâncias que a permeiam caracterizam-se como informação. O jornalismo ultrapassa o nível micro e aborda questões que vão além da reportagem em si.

Profissão Repórter mostra uma espécie de cena do jornalismo: onde tudo acontece, como se faz para produzir notícia e com quais condições e dificuldades. Neste sentido, se insere em uma temática maior, a auto-referencialidade da mídia, uma das características da midiaticização. Esta é a denominação que alguns autores têm sugerido para uma alteração da sociabilidade, que ocorre pela mediação da experiência humana pela técnica e por processos de produção simbólica midiaticizados. (KLEIN e BASTIAN, 2008, p. 1)

A ponte entre o público e os fatos agora aparece, e com a mesma relevância que o acontecimento. Não se trata de o processo ser mais

importante que o produto final, mas da influência que o primeiro exerce sobre o segundo.

Um dos autores que trabalham com a ideia de mediação é Antônio Fausto Neto.

Porém a mediação vai além do ambiente e do seu próprio 'modo de ser' e se constitui a partir de formas e de operações sócio-técnicas, organizando-se e funcionando com base em dispositivos e operações constituídas de materialidades e de imaterialidades. (*Apud* BORTOLI, p. 2).

Fausto Neto considera três características quanto à mediação: descontinuidade, mudança no lugar do receptor e efeito de autorreferencialidade. Os dois últimos aspectos estão mais ligados a este trabalho, pois consideram a sedução do telespectador e a abordagem das questões, feita a partir das dificuldades e condições em que o repórter se encontrava.

No artigo *A quem fala o "Profissão Repórter"? Modos de endereçamento do programa que mostra os "bastidores da notícia"*, Klein e Bastian acrescentam que "a auto-referencialidade implica numa mudança no conceito de informação: não é só o que é apontado, mas o que se fez para apontar" (2008, p. 2).

5. 5. As escolhas de quem "faz" a notícia

O reconhecimento das próprias falhas, medos e dificuldades no processo de reportagem implica uma condição vulnerável para o jornalista, porque mostra que ele, como construtor da matéria, é passível de erros e preconceitos. E ainda que, principalmente quando se trata de um tema com caráter social, é difícil para o repórter colocar-se à margem do que se passa e analisar tudo friamente.

Embora seja uma atitude que demonstre mais transparência que a maioria dos veículos, essa situação pode ser entendida como autoexposição inadequada. Alguns estudiosos consideram que o jornalista acaba aparecendo mais que os entrevistados, e transforma essa "cena do jornalismo" numa espécie de espetacularização da notícia, ou do jornalista.

Quando o espectador acompanha a jornada do repórter ele se identifica com o profissional. E isso talvez faça com que ele preste mais atenção no comportamento do jornalista do que nos fatos.

Além dessa inovação na forma de despertar o interesse do público, o programa propõe uma mudança na postura ética do jornalista, não mais caracterizada essencialmente pela neutralidade. A credibilidade adquirida pelo aparente distanciamento dos fatos é substituída pelo envolvimento, que gera a confiança do público. A estratégia se constitui pela inversão de valores jornalísticos desenvolvidos ao longo dos anos.

Se antes o jornalista deveria manter-se afastado do objeto reportado, agora o ideal é que ele faça o contrário, para que possa entender a essência dos fatos e dos personagens entrevistados. A reprodução fidedigna dos acontecimentos será o resultado dessa “imersão”.

6. Metodologia

Para avaliar o espaço do sentimento do jornalista dentro do *Profissão Repórter*, foram analisadas as quatro edições de abril de 2010. As duas primeiras exibições tratam das repercussões de dois desastres naturais ocorridos no Haiti e no Rio de Janeiro no início do ano. Nas últimas, a vida de universitários e os bastidores de um show de Roberto Carlos em Nova York foram abordados.

O aspecto essencialmente jornalístico do programa e os bastidores, que também envolvem o caráter pessoal do repórter, nem sempre têm uma divisão clara quando se trata de imagem e som. Por isso, considerou-se analisar os dados separadamente nesses dois quesitos, prevalecendo o tipo de conteúdo e não apenas a forma técnica como é exposto.

O quesito “áudio compreende cinco subcategorias: repórter em *off*, repórter *in loco*, repórter em entrevista, repórter em bastidores, entrevistados/som ambiente. As três primeiras dizem respeito à narração do jornalista que contém informação. No quarto e quinto item, é considerado o tempo do repórter falando de si mesmo e o das fontes, respectivamente.

Do ponto de vista imagético, o conteúdo é disposto em quatro grupos: bastidores, repórter (es) sozinho na tela, repórter (es) com a fonte e entrevistados/locais. Os três últimos se referem à reportagem em si, avaliando o equilíbrio entre o tempo em que aparecem os personagens e o jornalista.

Outra característica contabilizada foram as oportunidades em que o repórter se manifesta em um nível além da reportagem. Essas ocasiões foram divididas em duas categorias. A primeira delas é a autorreferência verbal curta, quando ele fala na primeira pessoa uma ou duas vezes rapidamente e não desenvolve o assunto. Esse aspecto evidencia de que forma a presença do jornalista é ressaltada, pois raramente o nome ou a pessoa são mencionados, sendo mais comum a forma “reportagem” ou “equipe de reportagem”.

A outra é quando o jornalista emite opiniões, que nem sempre estão relacionadas a ele, caracterizando-se por um comentário baseado na observação dos fatos enquanto foram apurados. Nessas análises, as subdivisões compreendem a contextualização das cenas ou comentários

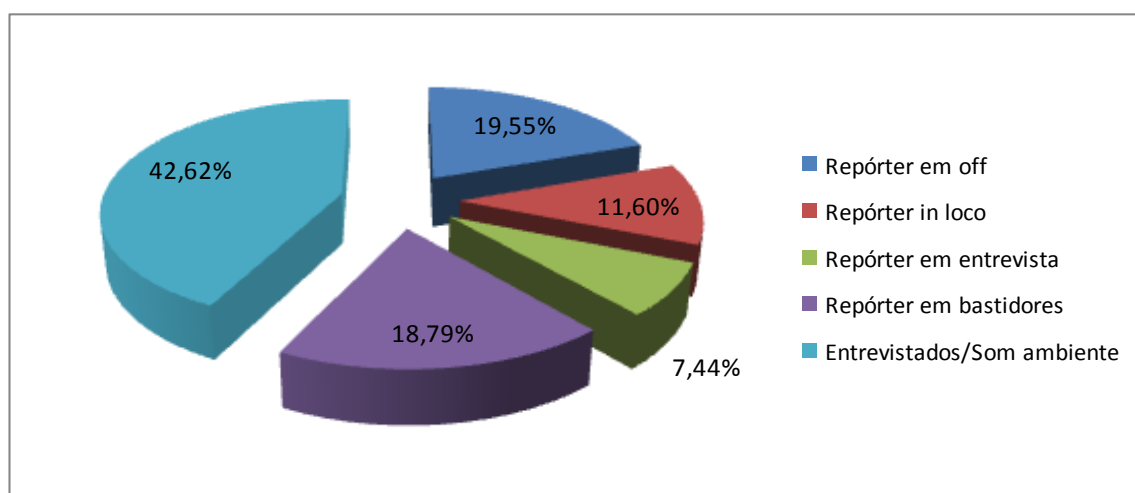
acerca dos personagens, os desafios durante a apuração e os sentimentos do repórter.

O método foi selecionado pelo fato de delimitar o tempo reservado aos entrevistados, ao jornalista enquanto fornece informações, e ainda a ele quando fala de si. Assim, é possível comparar o espaço destinado à reportagem e ao repórter.

6.1. Análise

Exibida no dia 6 de abril de 2010, a primeira edição do ano mostrou o Haiti três meses depois do terremoto para abordar três situações: a vida da população, o trabalho dos médicos brasileiros e a convivência de dois repórteres com os desabrigados e, em especial, com um haitiano.

Edição 1: Áudio



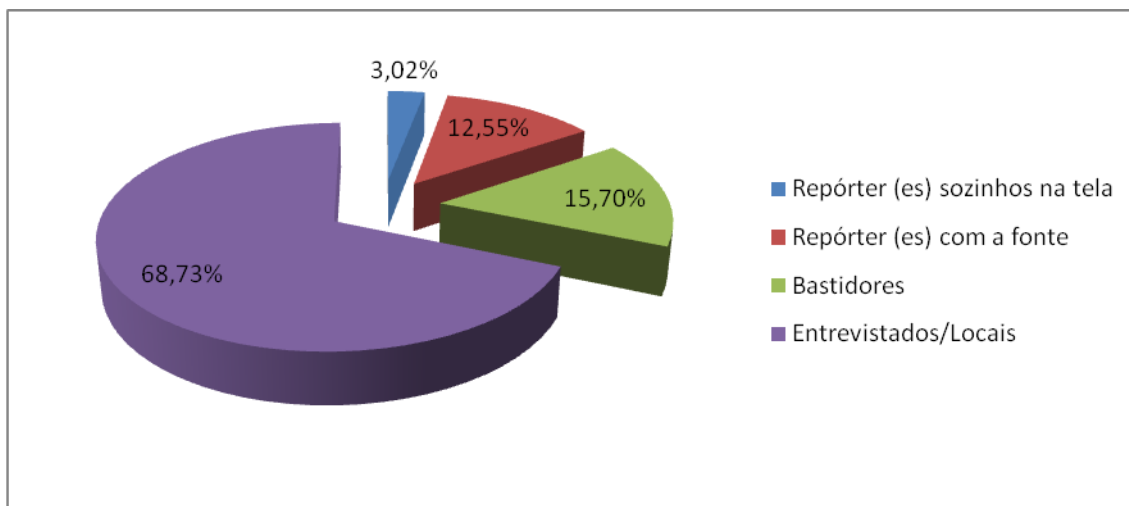
Nessa categoria, quase 20% do conteúdo constitui-se de intervenções do jornalista para apontar fatos que o marcaram ou indicar um ponto de vista diante da situação, como uma forma de guiar o olhar do espectador.

Esses momentos geralmente introduzem informações ou abordam as circunstâncias da cobertura, para mostrar que, durante a apuração, o repórter está em situação semelhante à dos haitianos.

Ainda no que se refere ao elemento sonoro, 38,59% das vezes isso é feito pelo repórter com a intenção de informar. A voz dos entrevistados e o som do ambiente predominam, com 42,62%.

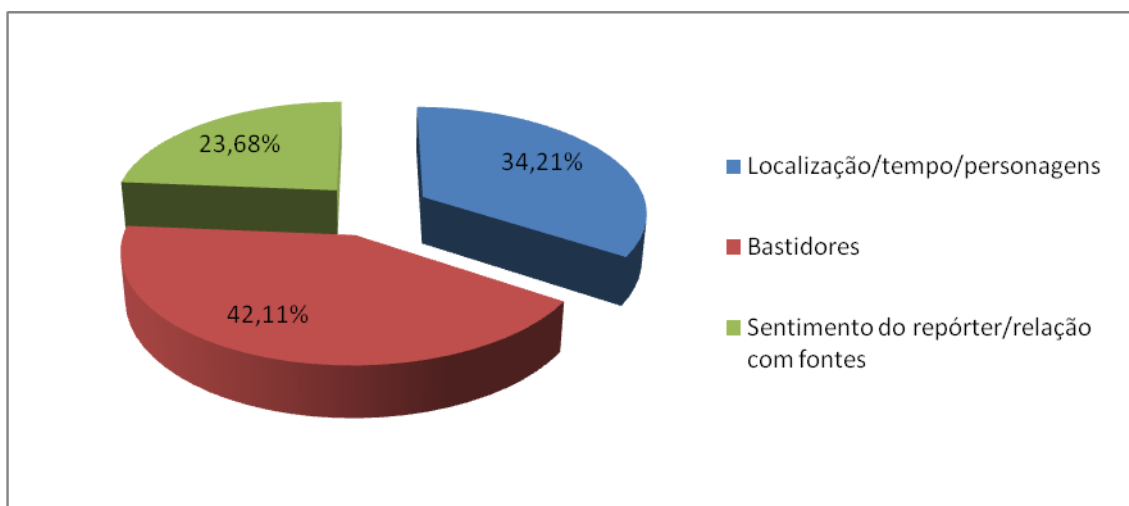
O espaço reservado para que o repórter comente os fatos e fale de como se sentiu durante a apuração não disputa a atenção do espectador auditivamente. Esta edição valoriza inserções pontuais, de forma que o jornalista seja o foco da reportagem apenas por alguns segundos e que esses momentos sejam seguidos de blocos grandes com os personagens.

Edição 1: Imagem



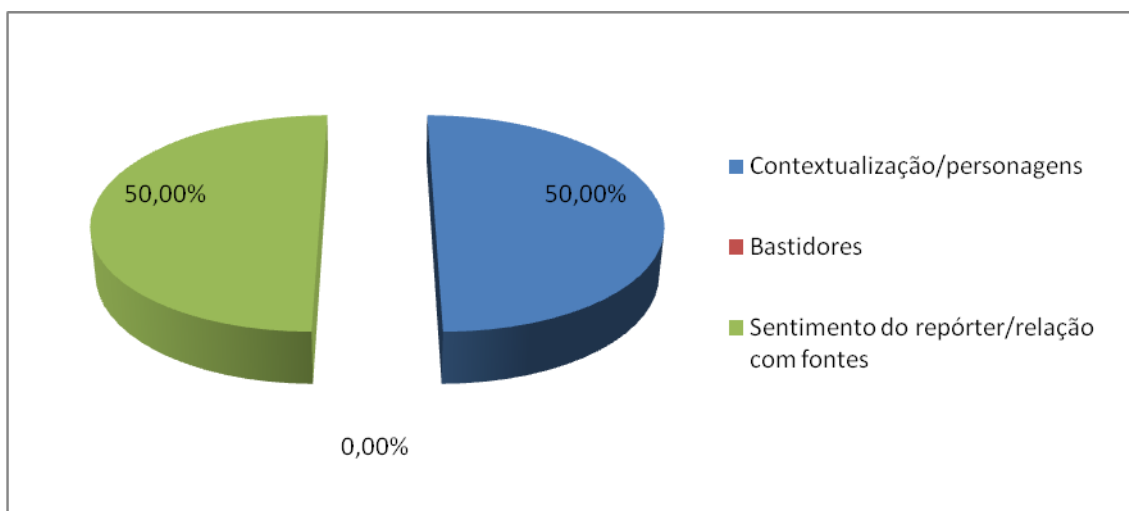
Quando avaliado o aspecto visual, os entrevistados e o país em questão aparecem em quase 70% do tempo. O repórter passa a ser visto sozinho no vídeo, quando o aspecto pessoal prevalece, por 15,7%. Assim como no quesito áudio, a imagem informativa supera o conteúdo pessoal do jornalista.

Edição 1: Autorreferência verbal curta



Dos 38 momentos em que o repórter fala na primeira pessoa ou faz referências a ele mesmo em uma frase isolada, treze estão diretamente ligados aos personagens e ao ambiente, contendo informações sobre localização ou circunstâncias da apuração, como a celebração dos haitianos que acontece de madrugada. Outras dezesseis referem-se aos bastidores e o restante às cenas que mais os impressionaram ou relacionamento com entrevistados.

Edição 1: Opinião



Entre as seis vezes nas quais a equipe de reportagem emite opinião, três dizem respeito a sentimentos do repórter, com reações de surpresa diante das cenas de destruição da capital do Haiti, Porto Príncipe e compaixão com a vulnerabilidade da população. A outra metade procura contextualizar o espectador, com colocações acerca da história de vida de um haitiano e a aparência da cidade.

Caco Barcellos expressa pontos de vista pessoais em três momentos breves, mas que demonstram que ele não está indiferente ao sofrimento da população. As imagens do córrego que secou devido ao terremoto impressionam o repórter, e, depois de assistir à mulheres pegando arroz do chão, ele comenta: “Que situação! É muito urgente, né? Tem que ser feito”. O profissional demonstra compaixão, e representa o pensamento que provavelmente se assemelha ao do telespectador. Outra questão citada são as perguntas que a população fez acerca do que eles poderiam fazer para ajudá-los. “Eu particularmente fiquei muito impressionado com a cobrança deles. Não só eles querem ajuda, eles exigem a ajuda, e qualidade na ajuda”, relata Caco.

A parte mais controversa do programa, considerando a objetividade e o distanciamento que tradicionalmente deve ser mantido entre fonte e repórter, é protagonizada por Thiago Jock. Ao analisar o material com Caco Barcellos e com a colega Mariane Salerno, ele confessa que construiu uma relação de amizade com o haitiano Espera Edwig. Além de ser uma fonte para a matéria, o tradutor e guia dos repórteres nas ruas de Porto Príncipe conquistou o carinho da equipe. Ciente das implicações que este relacionamento representa para a atividade jornalística, Thiago diz: “Eu sei que é complicado pro jornalismo dizer uma coisa dessas, mas na verdade ele se tornou um amigo”.

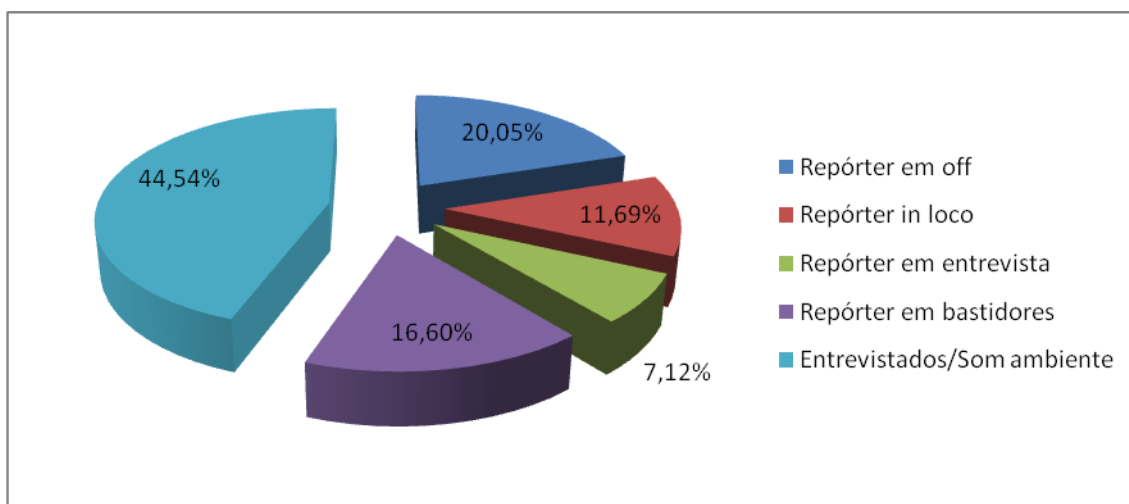
Todos os cinco jornalistas envolvidos, e até um cinegrafista, esboçaram emoções diante da dor do povo haitiano. O comportamento de repórter, caracterizado pela surpresa e pela compaixão, se assemelha ao do cidadão comum, o que diminui a ideia de um profissional que não se envolve com o objeto em questão.

Em determinados momentos, o cotidiano da população e o deles se mistura, de maneira que a cena de um leva à do outro, e torna-se difícil identificar quando se trata da estória de cada um, ou se na verdade é a estória de todos. O fato de o acampamento em que vivem estar muito próximo ao da população local faz com que os repórteres compartilhem, em certa medida, do estilo de vida dos haitianos.

O programa do dia 13 de abril abordou o drama das famílias do Rio de Janeiro que perderam parentes e amigos depois de um deslizamento de terra na semana anterior.

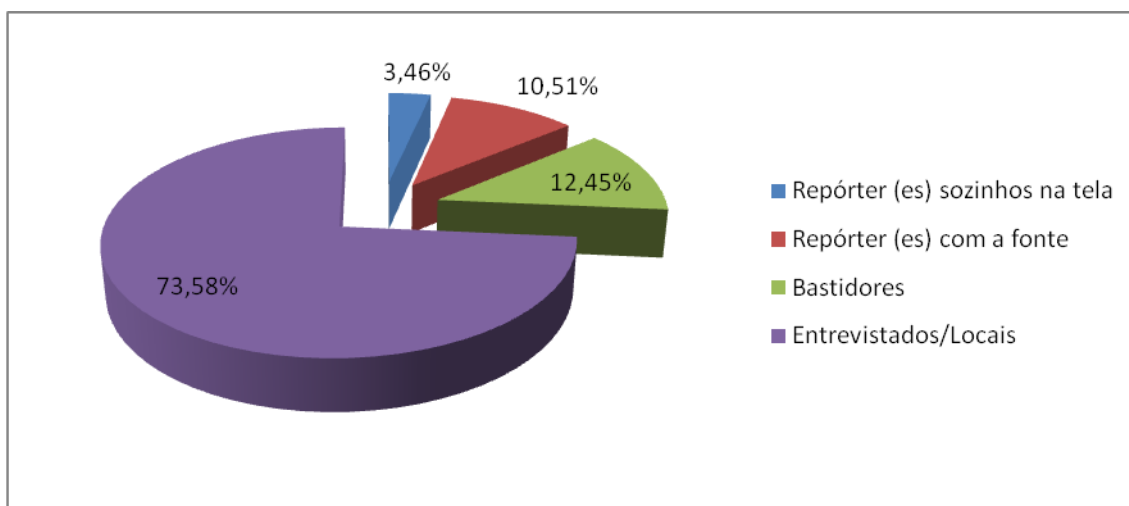
Nesta edição, dois repórteres novatos desempenham um papel de destaque nos primeiros minutos. Thiago Ruprecht e Eliane Scardovelli apontaram para o incômodo que sentiram ao entrevistar parentes das vítimas e ver os corpos.

Edição 2: Áudio



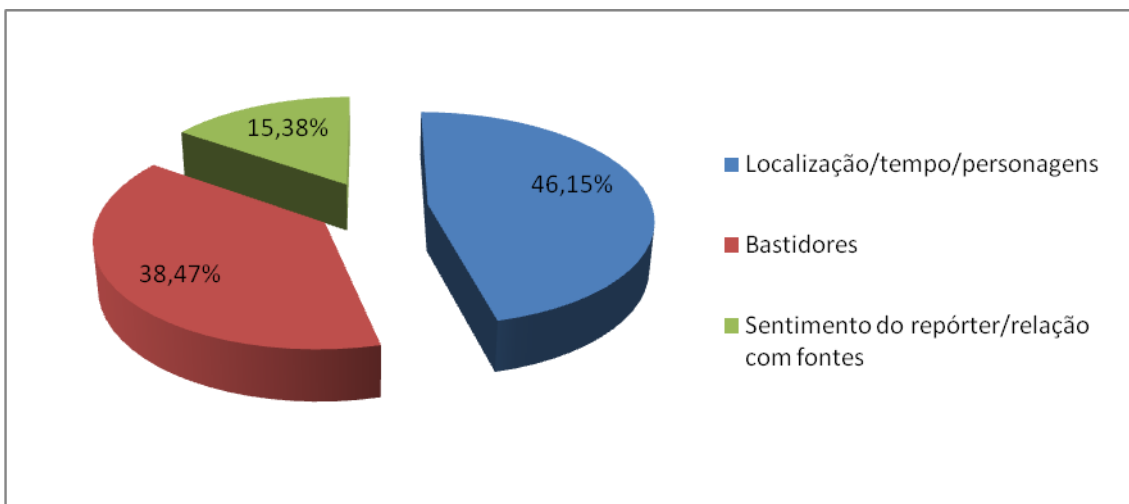
As pessoas entrevistadas e o som ambiente correspondem a menos da metade de áudio, deixando 55,46% do tempo para o repórter. Deste tempo, 16,6% é dedicado a momentos pessoais do jornalista. Por mais de 38% do tempo em que o profissional fala, ele se refere a conteúdos informativos.

Edição 2: Imagem



Quando se trata de imagem, o papel de protagonismo dos personagens está representado em quase 74% do tempo. O período em que o repórter aparece na tela por motivos profissionais – em que se incluem as passagens –, não chega a um minuto (repórter sozinho na tela), mas alcança três minutos ao abordar a própria condição profissional (bastidores).

Edição 2: Autorreferência verbal curta

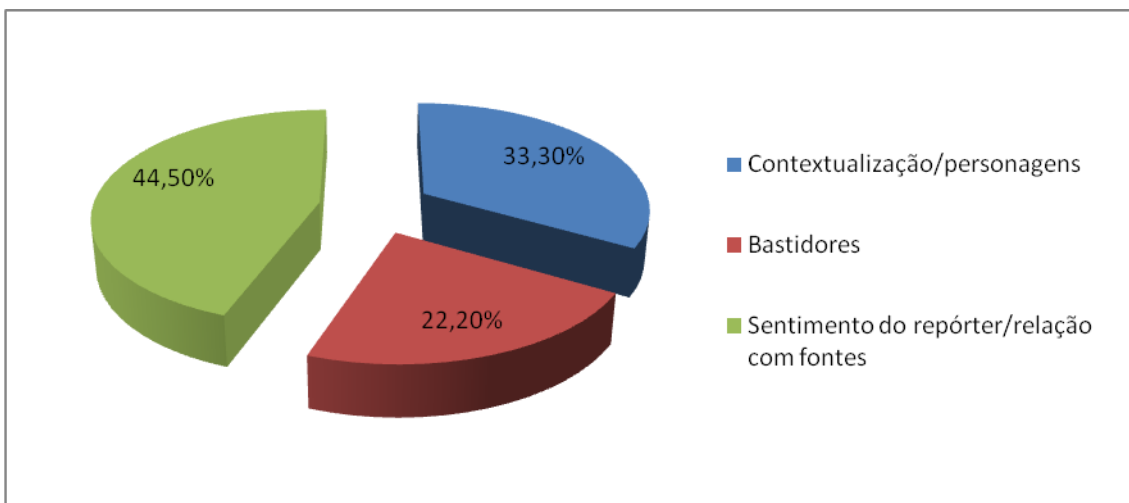


Entre as 14 intervenções nas quais o repórter faz referências a si próprio, com o uso de verbos e pronomes na primeira pessoa, em apenas uma frase, seis são utilizadas para dizer onde o repórter se encontra ou dar noção de tempo.

Por duas vezes o repórter demonstra compartilhar da dor das pessoas atingidas. No final de uma entrevista e ao chegar em uma das casas, os jornalistas Thiago Jock e Caco Barcellos dizem “meus pêsames”.

As cinco frases com essa mesma característica abordam condições da reportagem, que envolvem na mesma medida o repórter e as pessoas envolvidas.

Edição 2: Opinião



Dos nove momentos opinativos, que também são imagetivamente de bastidores – em que se inclui uma cena entre repórter e público –, três estão relacionados a comentários sobre a situação da comunidade atingida, sendo que duas dizem respeito à atividade dos bombeiros e da Defesa Civil, com destaque à avaliação do estreante Ruprecht, que entende a vontade das pessoas em procurar os familiares por conta própria:

Boa parte desses moradores, eles estavam buscando... não é que nem os bombeiros que estão fazendo um trabalho muito heroico por um ponto de vista, mas eles estavam buscando uma pessoa que não é necessariamente familiar deles. Os moradores estavam ali atrás de filhos, sobrinhos. Então você pedir pra uma pessoa dessas parar de trabalhar, pra eles eu acho que é quase impossível.

Duas cenas correspondem essencialmente ao trabalho de jornalista: dificuldades na apuração e o dever do profissional de acompanhar a recuperação da comunidade. Um morador pede a Caco que volte depois de seis meses, e o repórter diz: “Não é favor não, é nossa obrigação.” Ambas as situações abordam o esforço de reportagem.

As quatro intervenções restantes remetem ao sentimento do repórter. Em respeito aos parentes das vítimas, Eliane Scardovelli explica a decisão de não gravar uma conversa com Érika, que perdeu o marido no desastre. “Aos pouquinhos ela foi se abrindo, a gente conversou numa boa, mas a câmera sempre baixa. Não gravei nada porque eu acho que não é o momento de gravar”.

A jornalista recém-formada é questionada por Caco, e ela argumenta. “Existe, claro, o nosso esforço máximo de conseguir boas histórias, de conseguir a reportagem, mas eu acho que a gente não pode passar por esse momento muito delicado de respeitar a dor da pessoa”.

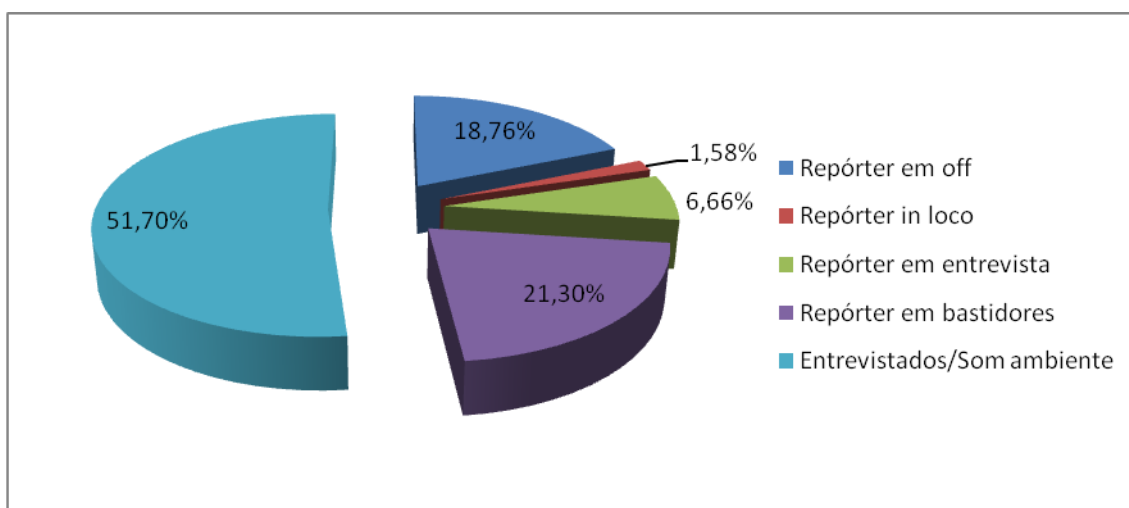
Devido à necessidade da imagem na televisão e ao apelo que ela tem, a escolha da jornalista implica em um problema – além de o espectador não ter acesso ao depoimento –, mas revela o cuidado em não expor a pessoa em uma situação vulnerável. Nesse caso, ela avaliou que preservar Érika era uma ideia que se sobrepunha à de revelar o conteúdo da conversa porque não considerava aquele um momento apropriado.

O outro repórter recém-formado também revela o desconforto diante do desespero das famílias na procura pelos parentes. Além de visivelmente não

saber lidar com a situação, Thiago Ruprecht diz que, apesar do incômodo, se esforçou para fazer a entrevista: “Foi uma situação muito delicada, acho que dá até pra ver pela imagem. Eu não tava confortável realmente com a situação e nessa hora eu passei por cima de um instinto natural meu que seria deixar a pessoa na dela.”

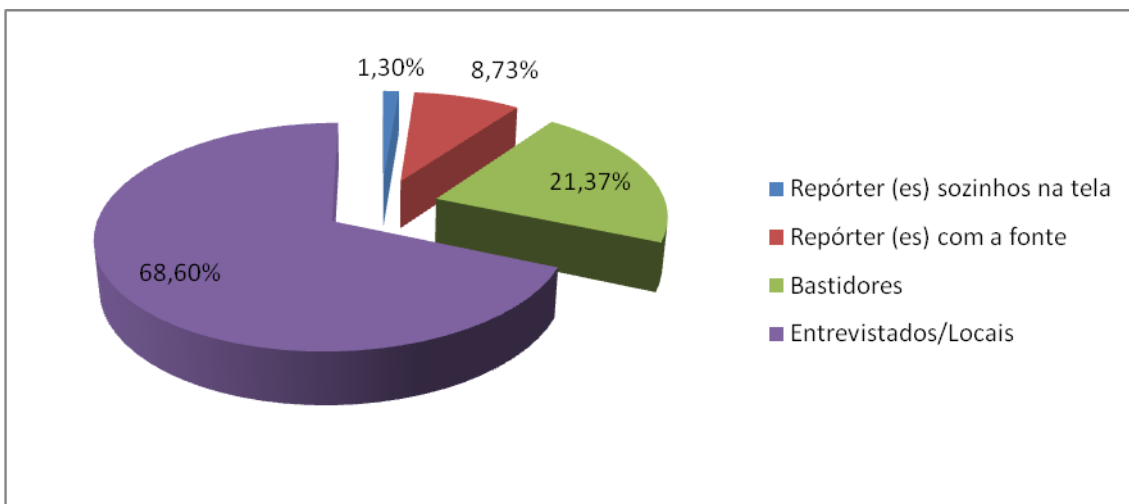
A vida de universitários nas repúblicas, o cotidiano de quem estuda e trabalha e as aflições dos vestibulandos foram os assuntos tratados no programa do dia 20 de abril. Devido ao fato de acompanharem o dia-a-dia dos entrevistados, os repórteres aparecem interagindo com eles frequentemente, o que denota a relação entre o profissional e a fonte.

Edição 3: Áudio



O som ambiente e a voz dos personagens representam mais da metade da edição. O áudio do repórter quando este aborda assuntos diretamente ligados à reportagem totaliza 27%. No item bastidores, o percentual cai para 21,3%. Esses dados indicam que o jornalista passa mais tempo trazendo informações para o telespectador do que falando de si mesmo. No entanto, não há uma diferença expressiva entre a duração desses dois elementos.

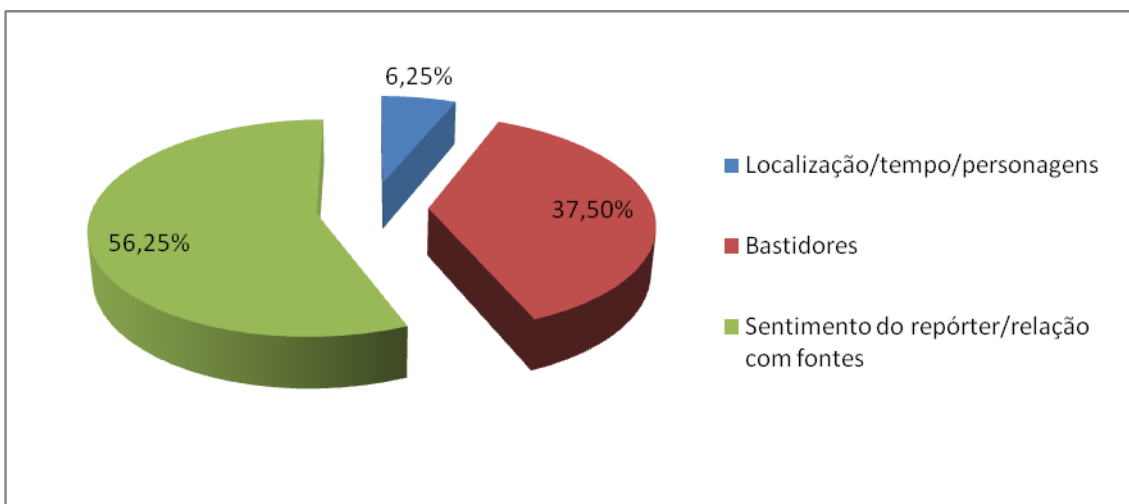
Edição 3: Imagem



Locais e personagens predominam no vídeo, alcançando quase 70%. O repórter aparece sozinho, por motivos profissionais, não chega a 20 segundos, enquanto que os bastidores duram 21,37%, o que corresponde a mais de cinco minutos. O fato de dois repórteres acompanharem sozinhos os universitários contribui para que os jornalistas não apareçam tanto porque não há um cinegrafista.

O profissional disputa a tela com as fontes por aproximadamente 9% do tempo. O espaço dado aos entrevistados é visivelmente superior aos outros, deixando que o repórter desempenhe um papel secundário e, ainda assim, representativo.

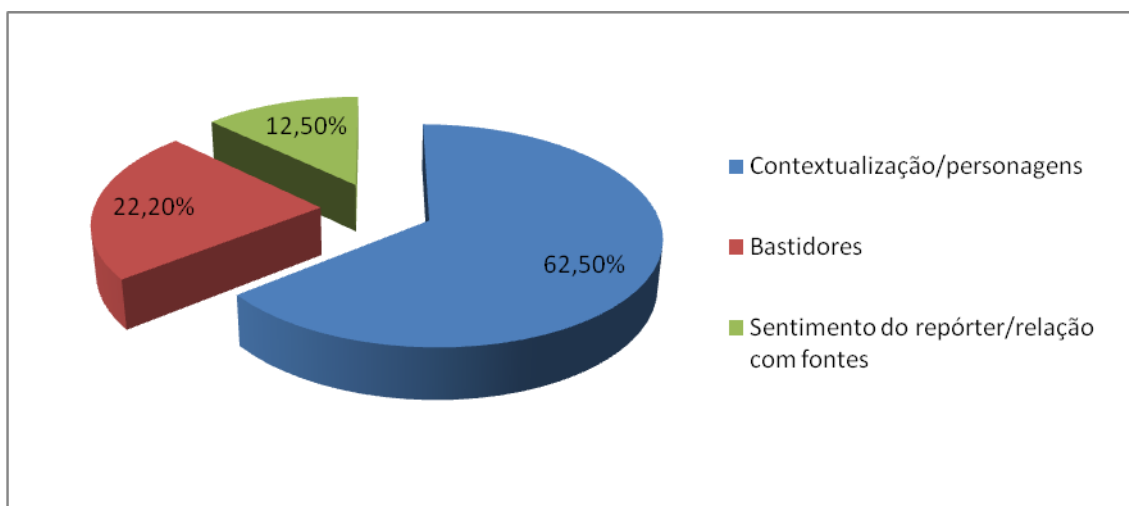
Edição 3: Autorreferência verbal curta



Das 16 frases isoladas e curtas de autorreferência, apenas uma é usada para apontar a localização do repórter. Expressões que denotam interação e dizem respeito ao entrevistado e ao jornalista correspondem a 56,25%, com nove. Entre elas está o *off* de Felipe Gutierrez, que indica o desconforto da vestibulanda com a gravação: “Camila, que tenta medicina, termina a prova desanimada, e cansada da minha reportagem”. Outras dizem respeito aos bastidores, como por exemplo o estranhamento dos amigos dela com as câmeras.

As seis cenas remanescentes – que representam 37,5% desse total –, referem-se ao trabalho da equipe do programa. Os jornalistas discutem a melhor maneira de encontrar personagens, e contam como a apuração é dividida. Neste item, predomina a explicação dos caminhos da reportagem, em que se acompanha o processo de seleção de um universitário que trabalha e estuda e terá a jornada diária exibida. “Theo e Eliane fizeram mais uma série de entrevistas na rua para escolher um universitário. As estórias de dois jovens chamaram a atenção”, aponta Caco Barcellos.

Edição 3: Opinião



Somente em um dos oito momentos em que o repórter emite opiniões, ele fala exclusivamente da questão profissional. Theo Ruprecht teve dificuldades em operar a câmera, e por três vezes reclamou que tinha de “bater o branco”. Nos segundos seguintes, ele explica ainda que a técnica consiste em apontar a câmera para uma folha branca ou cinza para conseguir uma

imagem mais próxima do real no que se refere às cores, e que o procedimento deve ser realizado a cada mudança na iluminação do ambiente.

Essa cena, realizada durante a análise do material na ilha de edição, não se relaciona com o conteúdo abordado, pois trata-se apenas de um espaço para que o repórter fale da experiência de gravar pela primeira vez. Não há interferência direta da atitude do profissional na reportagem.

Os comentários sobre o comportamento dos entrevistados e dos repórteres se manifestam em duas ocasiões. Na primeira, Felipe Gutierrez fala que, assim como a vestibulanda Camila, ele se sentiu incomodado por mostrar a “intimidade” dela. “Eu tenho noção que eu tava invadindo um momento difícil lá, então pra mim era muito chato também, é claro que assim... muito constrangedor. Era um momento muito pessoal dela, [...] mas fundamental para a reportagem”.

O repórter também diz acreditar que Daniel ficou chateado por não ter passado na prova do vestibular, embora o estudante tenha afirmado o contrário. Felipe deixa clara a alegria de saber que o adolescente foi convocado na segunda chamada. Caco Barcellos comenta: “Eu lembro que você entrou na redação vibrando”, e Felipe confirma: “Ah, bastante, bastante. Eu fiquei bem contente quando ele passou.”

Na terceira, é exibido um momento em que Caco Barcellos aponta critérios de seleção do universitário cuja rotina a equipe vai acompanhar. Ele analisa a desenvoltura diante das câmeras e a personalidade dos “candidatos”.

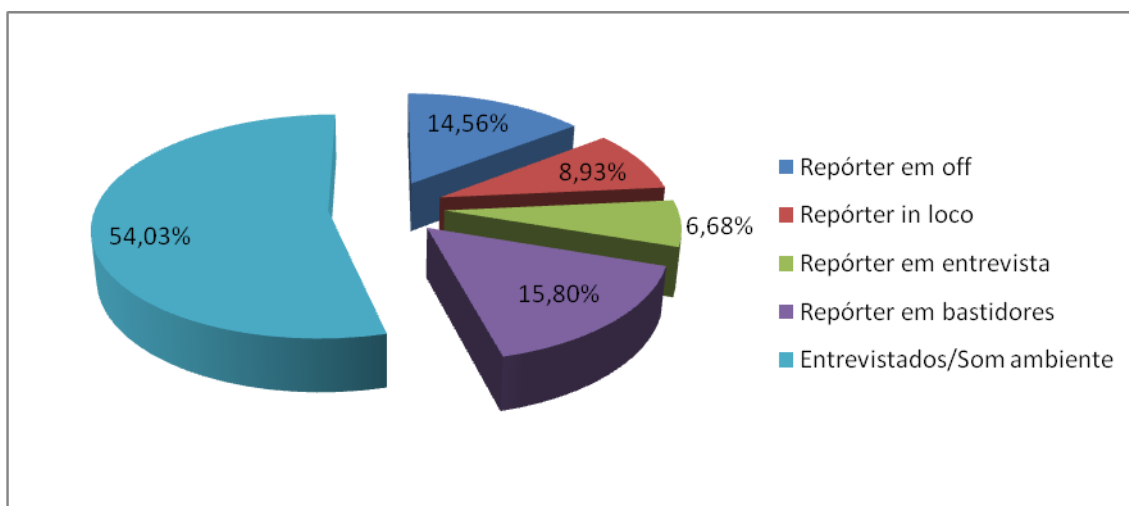
Cinco dessas oito cenas abordam o comportamento dos jovens depois das gravações com a equipe. O papel do jornalista é tratado a partir do ponto de vista de quem é observado, de forma que o trabalho do profissional também seja exaltado, pela insistência em retratar o cotidiano deles.

Felipe comenta com Caco Barcellos que o pai da estudante Camila estava incomodado com a reportagem, que registrava o dia-a-dia da família. Ainda assim, ele diz que se manteve firme, seguindo os passos da garota. Num outro momento, eles falam sobre a surpresa dela com a insistência do repórter. “Ela tá sendo surpreendida, pela sua postura de ficar ali, mostrando a vida dela como é, os momentos”, diz Caco. Felipe acredita que ela não tinha consciência de “até onde eles iriam”.

A preparação do principal show da turnê internacional do cantor Roberto Carlos, em Nova York, foi o tema da edição do dia 27 de abril. A equipe se dividiu para acompanhar uma fã brasileira que viajou para ver o show, o grupo que trabalha com Roberto – que consiste em profissionais que cuidam da iluminação e do som – e o próprio artista.

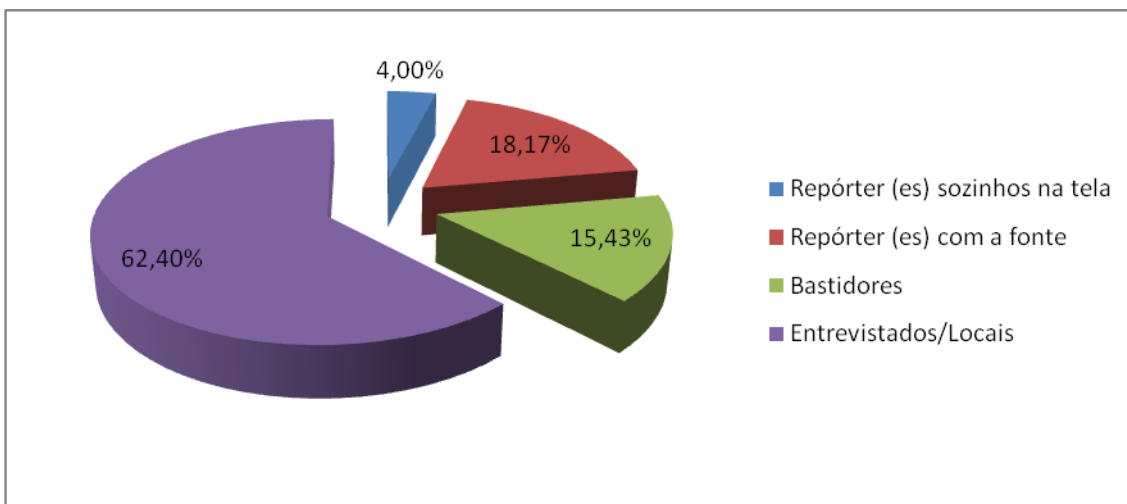
O principal sentimento traduzido pelo próprio repórter durante o programa é o respeito e a admiração pelo cantor. Antes de registrar o enterro de Dona Laura, mãe de Roberto, a jornalista revela o cuidado que deveria ter com a situação. As estratégias de aproximação para expor a movimentação antes do concerto desempenham um papel importante nessa edição. Os bastidores da notícia e os bastidores do show, em certa medida, tornam-se um só.

Edição 4: Áudio



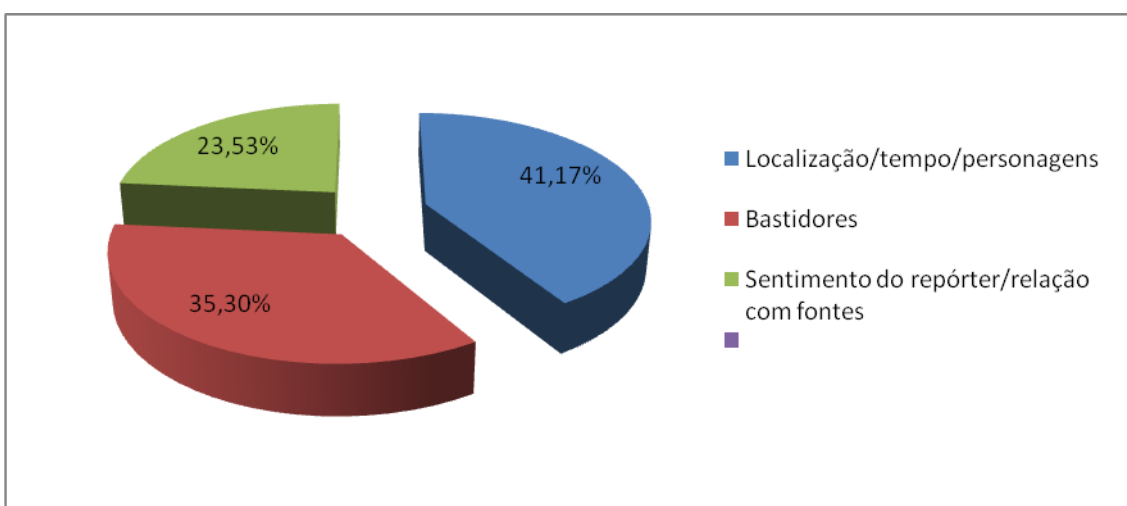
As pessoas entrevistadas ocupam pouco mais de 54% do som. O tempo reservado para que o repórter fale das e com as fontes é o dobro do que dedica a si mesmo. No total, 30,17% da parte jornalística que o repórter desempenha são realizadas em *off*, passagens ou durante entrevistas, superando os 15,8% de bastidor.

Edição 4: Imagem



Mais de 60% das imagens consistem em lugares e personagens, que dividem espaço com os repórteres por 18,17% do tempo. Essas cenas apontam para a interação entre fonte e profissional, qual a postura de cada um durante os diálogos, as expressões faciais, a informalidade com que se tratam, e até a postura de apenas deixar que a pessoa fale o que pensa, sem fazer tantas perguntas. Sozinho, o repórter recebe a atenção do telespectador por quase dez minutos, quando fala de si ou não.

Edição 4: Autorreferência verbal curta



Dentre as 17 cenas de autorreferência verbal realizadas em uma ou duas frases em sequência, sete servem para dar noção de tempo e espaço para o espectador. Os repórteres geralmente usam expressões como “chegamos”, “voltamos”, “eu queria”, para indicar a própria movimentação no

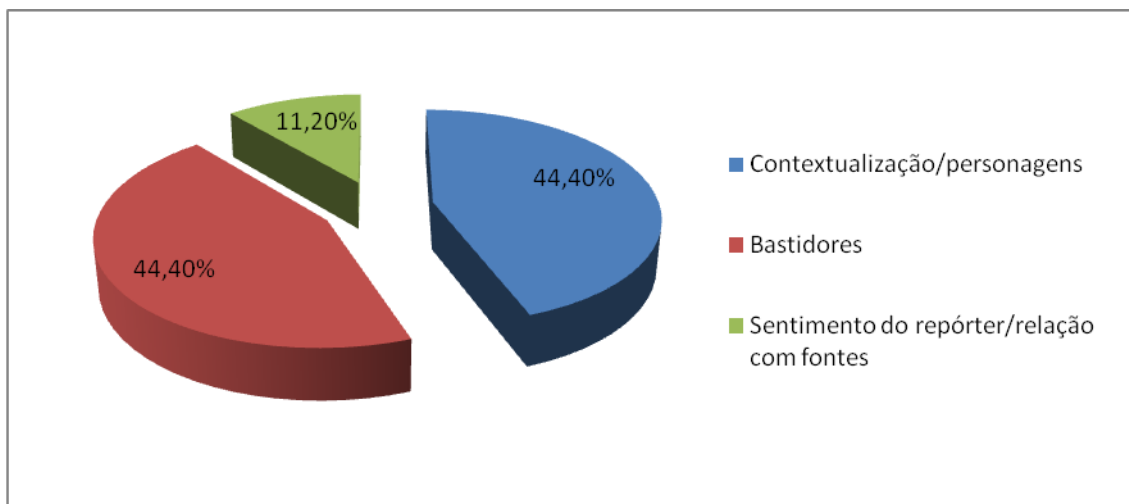
registro dos passos do cantor, ao dizer que estão na porta do mesmo hotel do cantor ou que chegaram ao local do show. O verbo “queria” é usado para indicar a pretensão de ver o passaporte de Roberto, o que não foi permitido pela equipe que o acompanha.

Os bastidores da reportagem contabilizam seis momentos neste item. Os jornalistas revelam como conseguem fazer determinadas imagens, passar por locais vigiados pelos seguranças, enfim, o que fazem e as dificuldades que encontram durante a apuração.

Dentro do teatro onde o show acontece, Caco Barcellos diz que os assessores do local restringem o trabalho dele. “Nós estamos sendo acompanhados por uma assessora do teatro, que eles limitam muito a nossa atividade, da imprensa brasileira.” Nesse momento, ele completa ainda que o evento está atrasado, e especula que seja devido à morte da mãe do cantor.

Júlia Bandeira revela, em *off*, mas com imagens, a correria para alcançar o músico: “Roberto sai de carro. Percorremos a pé os três quarteirões até a casa de shows”. Mais tarde, o repórter Caio Cavechini explica que conseguiu entrar no local junto com a equipe de produção de Roberto Carlos por causa do cinegrafista do “Rei”.

Por quatro vezes, neste item, os jornalistas manifestam emoções. Em uma delas, Júlia diz que está aflita por entrevistar Roberto Carlos. “Nossa, coração tá a mil”, conta. O espectador sabe do nervosismo da repórter, imprimindo uma questão pessoal na reportagem. Antes do enterro de Dona Laura, ela demonstra ainda preocupação ao lidar com o assunto: “Roberto voltou para o hotel em silêncio. Decidimos seguir a reportagem com o cuidado que o momento exigia”.



Das nove cenas opinativas, em que também se analisa o material gravado, apenas uma refere-se explicitamente a um sentimento do repórter. Ao ser questionada sobre a roupa azul e branca que usou ao entrevistar Roberto Carlos, Júlia afirma que a escolha foi intencional: “Você sabe que a pessoa gosta de determinadas cores então é quase uma forma de respeito.”

Em quatro oportunidades o repórter aborda o trabalho e os obstáculos na apuração. A atitude dos seguranças e dos assessores da casa de shows de impedir as gravações foi mencionada duas vezes. “Eu e o Felipe nós fomos expulsos do teatro mesmo, inclusive a gente não pode nem ficar com o equipamento lá dentro. Num primeiro momento, não houve nenhum tipo de negociação”, diz Felipe Suhre. Essas cenas enfatizam que parte da reportagem é fruto das dificuldades encontradas pelo jornalista, e de como ele tenta driblá-las.

Nas outras quatro cenas, os repórteres fazem colocações a respeito do show. Certos detalhes que geralmente passam despercebidos, como o movimento das mãos de Roberto enquanto as músicas são tocadas, são esclarecidos. E, depois de descobrir que o cantor acompanha um monitor com as letras em português e espanhol na parte inferior do palco, Caco comenta: “Por isso ele olha pro chão.”

O comportamento da fã de Roberto durante o show também é alvo de comentários. “É muito impressionante como ela se envolve no show. Ela faz os gestinhos. Ela vive completamente o show”, enfatiza Felipe Suhre.

7. Conclusão

Embora apresente falhas e não tenha um conceito universalmente definido, a objetividade é usada como mecanismo de defesa de uma pretensa imparcialidade na transmissão dos acontecimentos. O jornalista geralmente não gosta de ter o trabalho ou os métodos questionados, valendo-se da premissa de que abordou “os dois lados da questão”. Essa ideia contempla o pensamento de que existe um acusado e um acusador, e que ambos os pontos de vista foram abordados.

No entanto, o procedimento não é tão simples quanto pode parecer. As possibilidades são múltiplas, e o jornalista tem de fazer escolhas. A reportagem é, portanto, consequência das decisões que ele tomar no processo. Quem reporta os fatos influencia na forma, no tamanho e no teor das matérias. É ele quem escolhe o que o público vai saber e a maneira como vai saber.

Ao exibir os caminhos da reportagem, o *Profissão Repórter* permite que o telespectador o julgue, como profissional e ser humano. A equipe do programa coloca a isenção em segundo plano e mostra um jornalista participante e observador. As atitudes dele são tão importantes na reportagem que fazem parte dela. O repórter nunca deve ser a notícia, com raras exceções. Mas é preciso considerar que, em certa medida, ele pode complementá-la e agregar informação.

Acompanhar a trajetória do jornalista talvez seja um mecanismo usado para despertar a curiosidade do público em saber como ele vai se sair. Nesse sentido, a atenção é direcionada a ele, ainda que por alguns segundos. No programa em questão, as interferências pessoais são fragmentadas e, na maior parte das vezes, fazem com que o telespectador se coloque no lugar do jornalista.

Essa identificação entre público e repórter baseia-se numa relação pouco comum, e que envolve uma inversão de princípios jornalísticos. A credibilidade, alcançada pela postura de neutralidade e distanciamento, é substituída pela confiança e até pela simpatia, que requer justamente o contrário: que o repórter se envolva com o ambiente e com as pessoas que entrevista. Para construir um quadro fidedigno, ele precisa “mergulhar” na reportagem.

No entanto, é preciso considerar até que ponto o jornalista pode aparecer sem prejudicar a reportagem e sem que o foco seja desviado. Retratar as condições de apuração não deve ser mais importante que a própria notícia, mas é possível que a primeira dê suporte à segunda.

A proposta do programa coloca em discussão o comportamento do repórter e as maneiras de se chegar às estórias, além de fazer com que o próprio telespectador seja envolvido por elas e pela forma como são construídas. Com base nos números, pode-se perceber que a notícia em si ainda ocupa a maior parte da atração.

Somados os percentuais das quatro edições, os personagens e locais recebem destaque pela maior parte do tempo: 48% em áudio e 68% em vídeo, em valores aproximados. O jornalista enquanto mediador da informação corresponde a 34% e 16% nesses itens, respectivamente. O espaço reservado aos bastidores e ao sentimento do profissional é o menor: 18% e 16%.

Os bastidores e sentimentos do repórter conferem a ele credibilidade desmistificam a ideia de que o jornalista se mantém à margem dos fatos que noticia. O repórter humanizado demonstra não estar indiferente à dor alheia nem às alegrias de quem entrevista. Ele se aproxima das fontes e do público, pelo simples fato de ser tão humano quanto eles.

Embora ponha em questão valores jornalísticos considerados como primordiais, o *Profissão Repórter* traz um elemento novo: a pré-disposição do grupo em não esconder o envolvimento com os fatos. Em certa medida, é um aspecto que transmite maior transparência que os demais veículos de comunicação. Não é apenas o sentimento do repórter que tem espaço, mas também os dilemas da profissão e os caminhos da reportagem.

A ética jornalística precisa incluir o compromisso de assumir preconceitos, medos e questões pessoais. Negá-los ou fingir que não existem compromete a informação, da mesma forma que o excesso de autorreferência. No caso do programa, o aspecto pessoal do repórter não desempenha um papel de protagonismo, mas o humaniza e aproxima do público.

8. Referências

AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzzatto, 1996.

BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CURADO, Olga. *A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.

HACKETT, Robert A. *O declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos Media Noticiosos*. In TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Vega, 1999

KLEIN, Eloisa J. da Cunha e BASTIAN, Mariana. *A quem fala o “Profissão Repórter”? Modos de endereçamento do programa que mostra os “bastidores da notícia”*. Encontro da Rede Prosul: Seminário sobre Mídia e Sociedade, 2007, Unisinos, São Leopoldo.

KUNCZIK, Bernardo. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001

LUCINDA, Tatiana Vieira *O jornalista como “herói da informação”: uma análise do Profissão Repórter*. Trabalho apresentado ao Curso de Graduação de Comunicação Social Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, 2008

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html> (Acesso em 03/10/2010)

MINDICH, David T. Z.. *Just the facts: how “objectivity” came to define american journalism*. News York: New York University Press, 1998.

Disponível em:
http://books.google.com.br/books?id=546ccpTkP5cC&printsec=frontcover&dq=DAVID+T.+Z.+MINDICH.+Just+the+facts:+how+%E2%80%9Cobjectivity%E2%80%9D+came+to+define+american+journalism.&source=bl&ots=y18e6PfXIT&sig=bhDc5zka2brFvV9AyC-QL1tTUyA&hl=pt-BR&ei=TxXXTImLCMP68AaZs62KDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

(Acesso em: 11/09/2010)

RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PENA, Felipe. *A TV digital no imaginário tecnológico: identidades, mediação e sociabilidades nas fantasias do telejornalismo on-line*.

Disponível em:

http://publique.rdc.pucRio.br/revistaalceu/media/alceu_n13_Pena.pdf

(Acesso em: 15/10/2010)

_____. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

SPONHOLZ, Liriam. *As objetividades do jornalista brasileiro*.

Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/5399/4916>

(Acesso em: 23/09/2010)

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. *A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas*. In TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega, 1999